

ILUSTRAÇÃO



“OS BEBADOS.”

(Quadro de Malhoa, existente no Museu de Arte Contemporânea).

Ele foi, por excelência, o pintor do povo. A alma popular vibrou na sua paleta, converteu-se em beleza imortal nas suas mãos. Malhoa possuiu, como Millet, como Breton, o sentimento comovido e fraterno dos humildes. Se os grandes o esquecerem, — os humildes cobrirão o seu túmulo de flores!

João Dantas

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Safu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M.ª X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br....	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br....	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br....	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br....	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br....	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisa-
ções, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

NOVIDADE LITERÁRIA
JULIO DANTAS
ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar



1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00
Enc. 15\$00



A' venda em todas as livrarias



Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80
LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

Acaba de sair

A 6.ª EDIÇÃO

Jornadas em Portugal

por ANTERO DE FIGUEIREDO

“JORNADAS EM PORTUGAL”:
— não pôde haver livro mais sacro da
terra portuguesa, escrito com mais
linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado 12\$00
encadernado 17\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Grande sucesso literário

2.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
 encadernado 15\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
 LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

*Aos condutores de automóveis recomenda-se
 este manual como imprescindível para
 a sua educação profissional,
 pois contém a*

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas,
 encadernado em percalina
 Escudos 25\$00

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado
30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75
 LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, R. Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1934**

35.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses
e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas. — Passatempo e Enciclopédia
de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade
nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 463 gravuras
cartonado... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA
A 4.ª EDIÇÃO

Terras do Demo

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 332 págs., brochado . . . **12\$00**
Encadernado **17\$00**

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire**
e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca**

Um formosíssimo vol. ilustrado. **6\$00**

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÊXITO FORMIDÁVEL

Um livro que interessa a todos

Arte de enriquecer

Tradução de **AGOSTINHO FORTES**

**Um livro que pode dar um modo de vida
ou preparar a fortuna**

2.ª edição, 276 págs., br. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Em lódos os casos de dõres de
cabêça, dõres de ouvidos,
dõres de dentes e de outras
dõres agudas, bastam dois
comprimidos de Cafiaspirina
para restituir o bem-estar.

Cafiaspirina



ÚLTIMA NOVIDADE LITERÁRIA

O livro duma das mais distintas
— escritoras portuguesas —

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado **10\$00**
encadernado **15\$00**



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
L I S B O A

CONCLUIU com êxito invulgar a Conferência de Cooperação Intelectual, reunida em Paris, onde Portugal esteve representado por Júlio Dantas.

Fartos de assistir ao malagroso, senão ridículo, das convocadas para resolver sobre economia, desarmamento, trabalho, o acontecimento agora registado adquire proporções de novidade estranha.

O facto depois de submetido a análise exprime-se deste modo. Os políticos profissionais, os negociadores encartados, os diplomatas de carreira juntam-se, discutem anos seguidos, bebem rios de champagne para estimular o optimismo, e no final apresentam, como obra única, eructações silenciosas, das ordenadas pela civilidade. Gastaram castelos de ouro para produzir castelos de fumo.

Desta vez congregam-se uma dúzia de homens de espírito e, em menos de quinze dias, realisam o acto diplomático mais transcendente dos produzidos nos últimos quinze anos a favor do convívio, das relações internacionais, da paz e entendimento entre os civilizados europeus.

A todos os lidadores de ideias apresentadas em forma bela, escritores, jornalistas, poetas, muito deve consolar o que acaba de consumir-se.

E a nós portugueses, por ter sido Júlio Dantas o fundador e animador da acção que se inicia, cabe duplo regosijo.

Para quem conhece o artista delicado, de inteligência penetrante, com um poder de persuasão e firmeza de vontade difíceis de igualar, o triunfo não surpreende.

A perfeita explicação está em que este homem, dado às letras, possui medula de vero diplomata, como nenhum de melhor polpa se criou em Portugal nas últimas gerações. Foi essa nobre qualidade que nos rendeu a honra colhida em Paris pelo enviado que tanto prestigiou o nome individual e o colectivo da língua e da nação.

Desaparece com José Malhoa o mais português dos pintores de Portugal, desde todos os tempos. Nenhum como êle soube reproduzir a luz, a terra, os modos e sentimentos do lugar e do habitante. Os seus quadros, desde que atingiu o pleno da mestria, são documentos reais do sol, das flôres, dos frutos, da gente,

CRÓNICA DA QUINZENA

das almas, com os sinais próprios que os distinguem dos demais no mundo.

Para mostrar um poente, ou um meio-dia português, um artifice, um outeiro desta especial região do globo, toma-se ao acaso uma tela coberta pelo seu pincel e mostra-se a quem quizer conhecer.

Tem uma explicação este realismo intenso que domina toda a sua obra e lhe afirma character inconfundível. Acha-se



Dr. Júlio Dantas

em que o auctor ficou sempre povo, sem se apartar da raiz original. Cultivado, urbanizado conservou a medula primitiva, a seiva de rústico, o amor ao chão que nunca lhe saíu do sangue, nem se lhe apagou da retina. Artista perfeito, trabalhado por boa escola, recebia do humus a força, como um carvalho que se expande na atmosfera com seus ramos e folhas, luta com o vento, gosa com a chuva, sorve a luz que cai do céu. Pintou como pintaria um pinheiro a quem dessem mãos e miolos, por isso os seus quadros apresentam feição inegalável de realidade transcendente, que ultrapassa a percepção

vulgar. Essa a qualidade que dêles fará documento perpétuo e estimado da terra e da gente portuguesa.

Francisco de Lacerda esforça-se por apresentar no próximo inverno mais uma série da sua abundante coleção folclórica, com amor e tenacidade exemplar colhida, através da terra portuguesa. Será mais um serviço valioso que este nobre e grande artista presta á cultura nacional.

Destinadas a morrer asfixiadas pela fadunchagem das revistas lisboetas, as nossas canções populares, espontaneas como as hervas do chão e dotadas das suas qualidades nativas, ficariam em breve esquecidas e totalmente desaparecidas, se o carinho de Francisco de Lacerda não percorresse o país de norte a sul, a coligi-las.

Ninguém lhe paga o trabalho e muito raros conhecem as maravilhas, verdadeiras joias, que conseguiu apanhar. Anda por perto de quinhentas o número de espécies arrecadadas, do mais vário ritmo e tonalidade, a par das trovas, mesmo a coreografia e o mais que representa manifestação musical, poetica, ou dança criada pelo povo. Constitue a única documentação que possuímos e pela qual o Estado deve interessar-se agora, visto não ter tomado a iniciativa que lhe cumpria de promover, pelos meios ao seu dispor, este acto de altissimo valor cultural.

De facto não é a um devoto fortuito que pertence andar de peregrino por sua conta e risco, de lugar em lugar a descobrir, quasi a desenterrar da glote de uma velha sobrevivente, a canção aprendida na mocidade, esquecida pelos que nasceram depois. Carece-se de um zelo de santo para conseguir o que este monge magnânimo alcançou. Falta agora que o Estado

conclua a obra, editando o que está colhido e promovendo a colheita do resto.

Encontra-se provido um abundante celeiro para alimento da inspiração de músicos que queiram formar em Portugal uma arte de indole portuguesa. No mesmo existe também substância agradável ao paladar do mundo inteiro, onde poderá provêr-se a Emissora Nacional que breve inaugura e por certo não quererá enxovalhar-nos com a esganiceira de Fados vertidos nos discos e esguichados no éter radiofónico a todas as horas do dia e da noite.

Samuel Maia.



ciência, admiravelmente plene e humano, que fixou em telas luminosas a alma simples dos humildes, a poesia primitiva da vida aldeã, a paisagem quente e macia da Estremadura. A melhor parte da sua obra inspira-se nesses motivos, a que não o impediu, contudo, de ser um retratista admirável que, preferindo o pastel, deixou o seu nome ligado a mais de oitocentos trabalhos de sólido desenho e profunda compreensão psíquica.

Malhoa morreu com 79 anos, vitimado por uma pneumonia a que o seu organismo envelhecido não pôde resistir. A sua carreira, de mais de cinquenta anos, foi de constante e aturado labor. Só em raros momentos de desânimo abandonou os pincéis. Mas a Arte exigia-o, imperiosamente. E Malhoa trabalhou sempre, até ao fim da vida, sem que os anos conseguissem roubar a firmeza ao seu pulso vigoroso nem os seus olhos perdessem a noção da cor alacre que dá à sua obra esse incomparável carácter de mocidade.

Nasceu em Figueiró dos Vinhos, onde agora foi morrer, entre paisagens tranquilas e doiradas que encheram para sempre a sua rotina de pintor. Novo ainda foi para Caldas da Rainha. Já a profunda intuição que o animava começava a revelar-se. Desenhava tudo que chegava ao alcance dos seus olhos ávidos de criança. E a expressão do seu traço, o dom de observação visual que essas primeiras tentativas acusavam, faziam o espanto de quantos as viam.

Veio para Lisboa e frequentou a Escola Académica, de velhas tradições. Mais tarde foi aprendiz do grande entalhador Leandro Braga que reconhecendo nele o embrião dum notável artista, o convenceu a frequentar a Escola de Belas Artes. Malhoa fez sem dificuldade o curso e logo que terminou os estudos, uma única preocupação o dominou — ir para o estrangeiro e aperfeiçoar-se na observação dos grandes mestres e na contemplação das obras imortais da

pintura mundial. Concorreu para isso a uma bolsa de estudo, mas foi preterido em favor de outro pretendente que dispunha de maiores influências. Tão arbitraria era, porém, essa decisão que, ante as reclamações de Malhoa, a Academia resolveu não atribuir a ninguém a bolsa de estudo referida.

Esta injustiça tirou a Malhoa a possibilidade de prosseguir, de momento, a sua carreira. Desgostoso, resol-

UMA GLORIA NACIONAL

Portugal perdeu um dos seus pintores

veu ingressar no comércio e durante dezoito meses foi caixeiro numa loja de chapéus situada na rua Nova do Almada e de que era proprietário seu irmão.

Mas um artista de raça não podia abandonar assim uma arte para que o destino o fadara. Nos momentos que a sua profissão lhe deixava livres dedicou-se a pintar o quadro «A scara invalida», que mais tarde enviou a uma exposição em Madrid onde foi acolhido com elogios. Chegou a Lisboa o rumor desse êxito e os meios artísticos começaram a interessar pelo caixeiro pintor que Madrid admitia a figurar entre os seus grandes artistas.

Este triunfo, justa recompensa do seu valor indiscutível, animou Malhoa a abandonar a sua profissão modesta de caixeiro para se dedicar, totalmente, à Arte. O seu primeiro trabalho foi um pequeno desenho que lhe foi pago por dez tostões. Colaborou depois na revista *O Oriente*, onde deixou dispersas algumas preciosas ilustrações. Por essa época conseguiu que lhe fosse atribuída a decoração do tecto do Conservatório



Busto em mármore do artista feito por A. A. da Costa Mota

de Lisboa e algum tempo depois realizou idêntico trabalho para a sala do Supremo Tribunal de Lisboa.

De então para cá, a lista dos seus quadros, pastéis, aguarelas e desenhos é de tal modo extensa que impossível se torna reproduzi-la na íntegra. Basta que se diga que o seu número sobe a perto de dois milhares, formando no conjunto uma soma de trabalho de que raros artistas se podem orgulhar.

Malhoa fez parte do famoso «grupo do Leão», em que se contavam nomes como Columbano, Silva Porto, João Vaz, Rafael Bordalo e outros,



história desses artistas e da sua época. Infelizmente, com a morte do velho Manuel Afonso, a colecção veio a perder-se, destruída talvez por mãos ignaras, inconscientes do seu valor. Malhoa expôs pela primeira vez em 1880 na Sociedade Promotora das Belas Artes. O seu único trabalho enviado a essa exposição e que se intitulava «O brejo» não dava ainda a forma definitiva do mestre, mas revelava já um excepcional talento de pintor.

Em 1906 foi ao Brasil, a convite do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Levou consigo cento e quatro quadros, a maioria dos quais lá ficou em poder dos colecionadores. O povo irmão de além-mar acolheu-o em triunfo. Olavo Bilac e Coelho Neto saudaram nele a mais gloriosa expressão da Arte portuguesa contemporânea. Foi aclamado membro honorário da Escola Nacional de Belas Artes, o que lhe concedia a honra de fazer parte do Conselho Superior de Belas Artes do Rio de Janeiro. Por essa ocasião foi dada uma recita em sua homenagem no Teatro Apolo, em capital carioca, em que o grande Eduardo Brazão representou «Os velhos», de D. João da Câmara.

Pouco tempo depois do seu regresso a Portugal, Malhoa apresentou «Os bêbados», um dos seus trabalhos mais notáveis e, sem dúvida o de

carácter mais universal, pelo assunto e pela

técnica, que faz evocar Velasquez e Le Nain.

Um ano depois tinha terminado «O Fado», obra das mais popularizadas, que esteve em Paris e em várias exposições internacionais e que a Câmara Municipal de Lisboa adquiriu em 1917. Este quadro, que obteve as mais altas recompensas e as mais elogiosas críticas, recebeu tantos nomes quantos os países em que se exhibiu. Em França chamou-se «Sous le charme»; em Inglaterra, «The native song»; na Argentina «Será verdad?».

Malhoa trabalhou em todos os géneros e em todos foi mestre. Fez paisagem, decoração, retrato, pastel e aguarela. Só nesta última o seu temperamento, apaixonado das cores fortes e vigorosas, mostrava dificuldade em se adaptar.

O país consagrou-o em vida. Em Junho de 1928, organizou-se na Sociedade Nacional de Belas Artes uma exposição retrospectiva da sua obra em que figuraram quasi todos os seus quadros. Ao mesmo tempo realizou-se uma sessão solene em que discursaram as figuras mais representativas dos meios intelectuais e artísticos do país. Durante essa cerimónia o chefe

do Estado impôs a mestre Malhoa as insignias de grande oficial da Ordem de Sant'Iago

Malhoa pintou sempre, durante toda a sua vida, quasi até à hora da morte, deixando assim, às gerações de artistas que lhe sucedem um elevado exemplo de infatigável e honesta acti-

Em cima: «O quadro «Histórias» — uma sarandinha de cor e de raça

Ao lado: «Promessista» — a última obra que o pintor expoz (febril 1933)



Auto-retrato do investigador quando da homenagem de 1958

vidade. No dia em que recolheu ao leito, donde não voltaria a erguer-se, ainda esteve trabalhando no quadro

«Cansaço», a última obra do mestre e a única que deixou incompleta. Representa esse quadro uma admirável cabeça de camponesa velha, em cujo rosto sulcado o artista estava fixando em traços definitivos todo o cansaço, toda a amargura, dum alma simples e primitiva, batida pelos temporais inclementes da vida. O seu modelo para esta obra, lá estava a acompanhar o entêro do mestre, com as faces ressequidas orvalhadas por lágrimas de pungente saudade.

D'Annunzio disse um dia referindo-se a Wagner que, após a sua morte, «o Mundo parecia diminuído de valor». Parafraseando o ex-celso poeta poder-se-ia dizer de Malhoa que o Sol de Portugal parece ter perdido com o seu desaparecimento uma parte da luz e da cor que o grande artista nele soubera revelar.

Manuel L. Rodrigues.

No seu retiro do «Casulo», em Figueiró dos Vinhos, que ele embelezara com telas, estu-

Mestre Malhoa dando a última pincelada ao quadro «A Promessista»

cos e estudos, morreu no dia 26 do mês findo uma das mais insignes figuras da pintura portuguesa — o grande mestre Malhoa.

Desaparece com ele uma época completa de Arte, bem portuguesa pelo motivo, pela forma e pela cor. Malhoa foi, sem dúvida, o mais representativo dos pintores portugueses contemporâneos e a obra que nos deixou, produto dum esforço tenaz e dum trabalho ininterrupto, é a expressão perfeita e definida da sensibilidade e temperamento da raça lusitana.

Este grande pintor, naturalista vigoroso que conhecia mágicos segredos de combinações de cores e manejava os mais estranhos sortilégios da luz, foi sempre um apaixonado dos temas populares. Foi o pintor da rusticidade, por ex-



O quadro «A beira-mar» que está no Museu de Arte Contemporânea



SUPERIORES a todos os conceitos artificiais de separação e até mesmo a elementos naturais, os povos com uma base étnica e sentimental idêntica encontram o seu ponto de contacto. O Atlântico pode separar Portugal do Brasil pela sua massa formidável de água; levam dias a percorrer; podem os homens, na inconstância das suas opiniões ou empurrados pelo vendaval de interesses ocasionais, criar fórmulas que ameacem afastar os povos uns dos outros, que eles saberão esperar a sua hora para se abraçarem e lançarem aos ares o ovo do seu triunfo, denunciando a alegria dêsse abraço.

A Galisa, que nunca esteve incluída no território português, mantém uma identidade de índole com a nossa gente; ao passo que os destinos de Portugal, reunidos durante sessenta anos, pelo artifício político, à sorte de Espanha, viveram sempre tão afastados daquela que não se encontra vestígio de influência na formação do seu carácter, nem desvio sensível que acuse rumo a leste nas suas directrizes espirituais. Nada o denuncia com uma exactidão fotográfica tão perfeita como a poesia popular, a poesia dos autores anónimos, feita com a pureza e a espontaneidade dos sentimentos, transmitida pelos lábios no ardor duma desgarrada, nas horas fugitivas e tradicionais da desfolhada, na despreocupação jubilosa da romaria. A quadrinha de sete sílabas métricas tem sido a melhor, mais forte e mais sábia origem da lírica popular galega, portuguesa e brasileira. Simplicidade na expressão, graça no conceito, multiplicidade nas intenções, espelho maravilhoso de infinitas cambiantes todas enfaixadas na única directriz do amor. Folheem-se as colectâneas da lírica popular dos três povos e é fácil verificar que se traduzem da mesma maneira as declarações de amor, os protestos de firmeza, os queixumes da falta de correspondência, a exaltação das graças mútuas, os instantes dolorosos da separação, as horas roxas da saudade, as lágrimas amargas do abandono, as revoltas bravas do ciúme, o desprezo, a ironia, o arrebatamento, a cegueira exclusivista de amar, tudo quanto pode fazer expandir, contrair, tudo quanto pode fazer vibrar o coração da mocinha gentil e do campônês amoroso. Quere isto dizer que, sob o ponto de vista sentimental, os três tipos racicos coincidem de maneira surpreendente, ainda que o galego seja mais irónico, o português mais amoroso e o brasileiro mais sensual; ainda que os panoramas em que se desenvolve a produção das influências que dominam a veia poética dos três povos, possam ter e tenham, efectivamente, diferenciações que não escapam ao primeiro exame. O difícil será estabelecer definitivamente qual dos três é, quanto a esta ou aquela quadra, o elemento inspirador que actuou sobre os outros, a não ser que se admita, o que me parece ousadia demasiada, que não haja uma interdependência folklorista. Mais difícil ainda me aparece destrinçar na lírica popular brasileira aquelas quadras que, tendo identidade de sentimentos e até de expressão com a lírica popular portuguesa, nasceram espontaneamente, isto é subtraídas à influência espiritual da nossa gente aldeia que desde há séculos procura a grande nação de além-Atlântico, lhe dá o seu esfôrço e ali se enraiza tão perfeitamente que sem esquecer Portugal não o sabe distinguir, no seu afecto sincero, do Brasil.

Resta-nos, por exclusão das partes, averiguar se foi o bardo galego quem transmitiu ao português, por mera, inconsciente e insuspeita recordação auditiva, a ideia e as expressões de algumas das suas quadras, actuando nós apenas como veículo transmissor na lírica popular brasileira; ou se o repentista português foi o criador que encontrou eco em terra de Santiago, ao mesmo tempo que, com os corações torturados na angustia da despedida para as incertezas da emigração, a sua voz se instalou nas modestas terceiras clas-

A lírica popular galega, portuguesa e brasileira

ses dos paquetes e em terras brasileiras se expandiu de novo, acertando de encontrar um meio sentimental preparado para receber a sua influência. Ninguém será capaz de atribuir a orgulho racico a pretensão de que portugueses e galegos são criadores de poesia popular que mutuamente se têm influenciado. Vestígios de sugestão do cancionero popular brasileiro, nos dois cancioneros peninsular, através daqueles que regressam ao abandonado lar, não os encontrei eu com nitidez.

Tomci como ponto de partida dêste artigo a *Antologia de la Lírica Galega*, de Alvaro de las Casas; *Mil trovas*, colectanea preciosa dos drs. Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira; e *Trovas populares brasileiras*, do meu querido amigo Afranio Peixoto cuja amizade anda sempre comovidamente ligada às minhas recordações do Rio de Janeiro. E não tendo à mão outros elementos, é de considerar que não foi obra maneirinha encontrar os similes nas três líricas, por isso que o eminente escritor brasileiro confessa no prefácio da sua colectanea que se preocupou em separar nas quadras recolhidas «o que era de suspeita proveniência portuguesa, para evitar repetições». E não se atribua êste propósito—digamo-lo entre parentesis—a qualquer prurido menos raciocinado de independência. Afranio Peixoto é o mais devotado lusófilo que o Brasil contém, e a sua admiração pela nossa quadra popular fica bem expressa nas palavras com que me dedicou a sua antologia «A Acurcio Pereira, meu amigo, da terra das mais lindas trovas, estas, bem ingénuas».

Apesar de tudo, porém, alguns exemplos bastam para que se reconheça o perfeito contacto entre as quadrinhas galegas, as nossas e as brasileiras, quando não na sua exacta expressão verbal, na base dos sentimentos que as ditaram. Vejamos uma adorável e ingénua declaração de amor firme.

GALEGO

*A lua vai encuberta
A mim pouco se me dá;
a lua qu'a mim m'alumbra
dentro do meu peito está.*

PORTUGUÊS

*A lua vai encuberta,
A mim pouco se me dá,
Que a lua que me alumia
No meu coração está.*

BRASILEIRO

*Esta noite vou-me embora
Não espero a lua cheia...
Que a luz destes teus olhos
Vai-me servir de candéa.*

A enleada discreção amorosa traduziu-a a alma poética que adeja sobre os três povos desta maneira:

GALEGO

*Anque paso e non che falo,
non te deixo de querer;
fago-o d'intento, meu hen,
por non-o dar a entender.*

PORTUGUÊS

*O meu amor não te angues
De eu para ti não olhar,*

*São as manhas de quem ama,
Para o mundo não falar.*

BRASILEIRO

*Morena, quando me vires,
Passa com olhos no chão.
Inda que me queiras bem,
O povo dirá que não.*

Não deixamos esquecida a graça doce do aneio de vêr a conversada de que são exemplo estas quadrinhas:

GALEGO

*Fui á fonte beber auga,
debaixo d'unha pereira,
soio por ver os teus olhos
qu'a sede moita non era.*

PORTUGUÊS

*Fui á fonte beber auga
Debaixo da flor da murta,
Fui só para vêr teus olhos,
Que a sede não era muita...*

BRASILEIRO

*Bela morena orgulhosa,
Dá-me auga p'ra beber!
Mas olha que não é sede:
... vontade de te vêr!*

A constância amorosa exprimem-na os trovadores dos três povos quasi da mesma maneira:

GALEGO

*Si chove deixa chover,
Si orballa, deixa orballar;
que por mais que chova e chova
de ti non m'hei d'apartar.*

PORTUGUÊS

*Inda que meu pai me mate,
Minha mãe me tire a vida,
Minha palavra está dada,
Minh'alma está prometida!*

BRASILEIRO

*Sobre mim raios despeje
O teu que me ouve agora,
Se sobre minha vontade
Não tens mando a toda a hora.*

O próprio despeito amoroso, mais ou menos irónico, afecta maneiras semelhantes de se exteriorisar:

GALEGO

*Pasei pol-a tua porta,
mirei pol-a pechadura,
;non me quixeste falar,
corazón de pedra dura!*

PORTUGUÊS

*Passei pela tua porta,
Espreei pelo ferrolho;
Deu comigo a tua mãe,
Meteu-me um pau por um olho.*

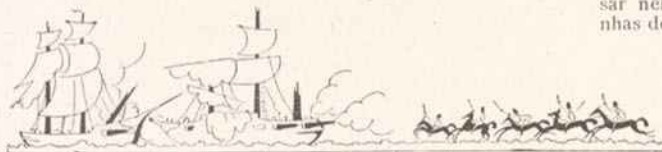
BRASILEIRO

*Eu passei na tua porta
E bati na fechadura
Te chamei, não respondeste,
Coração de pedra dura!*

Suponho que a prova está feita. O Brasil é o herdeiro da nossa veia lírica. De resto, como não ha-de ser êle o prolongamento do nosso coração, se é lá que residem tantas comovidas afeições portuguesas—os filhos, os pais, os namorados que uma ancía escaldante de melhores dias arrasta para longe do tugurio onde escasseia o pão e com êle a alegria! Se o Brasil é tantas vezes o motivo das nossas lágrimas e tão poucas o do nosso jubilo—são escassos os que regressam felizes—como não havemos de pensar nêle com enternecimento! Quantas mocinhas de Portugal têm lá os seus namorados!

*Tenho o meu peito fechado,
A chave está no Brasil;
O meu peito não se abre
Sem a chave de lá vir.*

Acurcio Pereira.



MORREU há dias uma das figuras mais em destaque na sociedade portuguesa de há trinta

anos a esta parte:

o sr. D. Tomaz de Melo Breyner, 4.º conde de Mafra. Desaparece com ele

um clínico distintíssimo, um nobre de nascimento e de carácter e um prestigioso catedrático. Era um admirável conversador. Duma grande cultura de espírito, as suas observações foram e hão de ser sempre celebradas. O illustre fidalgo tinha sempre uma amabilidade a dirigir ao amigo ou ao conhecido que encontrava ou uma anedota espirituosa a contar. Era na vida social encantador. A notícia do seu falecimento causou consternação. O seu funeral foi uma invulgar manifestação de saudade. Tudo quanto há em Lisboa, desde as pessoas de grande categoria social até ao mais humilde dos seus doentes, acorreu ao cemitério dos Prazeres prestar a última homenagem ao professor Melo Breyner. Tinha nove filhos, todos vivos, excepto a sr.ª D. Maria da Luz, condessa de Castelo Melhor, que morreu em princípios de 1932, deixando orfãos 10 filhos, vitimada por doença contraída a tratar dois d'elles. Foi um dos grandes desgostos da sua vida. A imprensa diária trouxe a lume esta página do seu *Diário*, escrita quando do rude golpe que sofreu:

«Aqui fica a expansão da minha enorme dor e a minha saudade da queridíssima filha Luz — a minha «Luzinha» — tão bondosa, tão linda, tão atilada, tão esperta, tão engraçada e tão desgraçada!

R. I. P., minha Santa!

Morreste, meu amor adorado, de moléstia contraída a tratar dos teus filhos! Morreste no teu posto, cumprindo o teu dever até ao fim. O teu pai muito allito — Tomaz.»

Contava 67 anos e era filho do 2.º conde de Mafra, general Francisco de Melo Breyner que comandou Caçadores 5. Era neto paterno do conde de Ficalho e da duquesa de Ficalho. Sua mãe foi D. Emília Prequet da Silva. Frequentou a Escola Médica de Lisboa, formando-se em Julho de 1892. Foi médico da Santa Casa da Misericórdia, logo que terminou o seu curso, e, pouco depois, seguiu para Paris, onde estudou e praticou ao lado de mestres, como Faurnier, Brinaud, Paul Bergir, Reclus e Charcot. Regressou a Portugal, em 1893, e fez concurso para médico dos hospitais civis, sendo admitido como interno, em Agosto. Nesse mesmo ano foi nomeado médico da Real Câmara. Em Janeiro de 1894, D. Tomaz de Melo Breyner, casou com a sr.ª D. Sofia de Burnay, filha dos condes de Burnay.

Em 1897 foi nomeado director da consulta externa do hospital do Desterro.

DESAPARECEU UMA FIGURA DA SOCIEDADE PORTUGUESA:

D. Tomaz de Melo Breyner

Tomou parte na Conferência Internacional sobre a peste bubónica realizada em Veneza, ao lado de Sousa Martins. Dois anos depois, por ocasião da epidemia da peste bubónica no Porto, foi nomeado vogal do Conselho Superior de Saúde e Higiene. Tomou parte em vários congressos de medicina, como o de Madrid, em 1903, de Paris, em 1905, e de Lisboa, em 1906, de que foi secretário da comissão executiva.

Como médico da família real, acompanhou a rainha D. Amélia, a Inglaterra, em 1894, assistindo à morte do conde de Paris; a rainha D. Ma-

-se, apenas no Parlamento, de assuntos hospitalares e de ensino médico.

Foi, em 1921, nomeado, mediante concurso, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, cargo que presentemente ocupava.

Em 1922, foi eleito, pela minoria, vereador da Camara Municipal de Lisboa.

Há três anos publicara o 1.º volume das suas Memórias, obra cheia de espírito e de observação, que ficará na literatura como repositório de acontecimentos que interessam à história de há 50 anos. Tinha quasi pronto o segundo volume e diz-se que deixou apontamentos para mais quatro.

Era irmão da sr.ª D. Eugénia de Melo Breyner da Câmara, viuva do grande dramaturgo D. João da Câmara e deixou 31 netos. Era pai dos sr. dr. Francisco (conde de Mafra) architecto Gonçalo, engenheiro José de Melo Breyner e António de Melo Breyner e das sr.ªs D. Maria de Melo Breyner Andresen, D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Maria da Conceição de Melo Breyner Freire Cabral e D. Isabel de Melo Breyner Ulrich.

Possuía várias condecorações. Era Oficial de Santiago, Oficial da Legião de Honra, Cavaleiro de Danilo, do Montenegro, Comendador da Coroa de Itália, Cavaleiro de *Albertus Animus* da Saxónia, Comendador de Carlos III e da Ordem de Afonso XII de mérito científico e literário, de Espanha, Comendador da *Royal Victorian Order* de Inglaterra e Comendador de Isabel a Católica, de Espanha. Tinha também a Cruz Vermelha portuguesa e alemã de benemerência e a medalha de ouro de comportamento exemplar após 35 anos de serviço sem nota nos hospitais.

A publicação do seu livro de Memórias e das suas comunicações científicas valearam-lhe a nomeação para sócio da Sociedade de Ciências Médicas; *Société Française de Prophylaxie Morale et Sanitaire*; Liga Internacional contra a Tuberculose, de Berlim; Sociedades de Dermatologia e Sifilografia de Madrid e Nápoles; Royal

Dermatological Society de Londres; Instituto de Coimbra e Academia das Ciências de Lisboa.

Apenas esteve doente uma semana. O seu estado agravou-se três dias antes de morrer. Os cuidados médicos multiplicaram-se. Apesar de lhe ter sido feita uma transfusão de sangue, veiu a falecer vinte e quatro horas depois.

Até ao último momento — sempre rodeado pela sua numerosa família, para quem vivia ultimamente e pela qual tinha extremos de ternura — conservou sempre a mais perfeita lucidez de espírito, a ponto de ditar, por já não poder escrever, a última página para o seu diário.

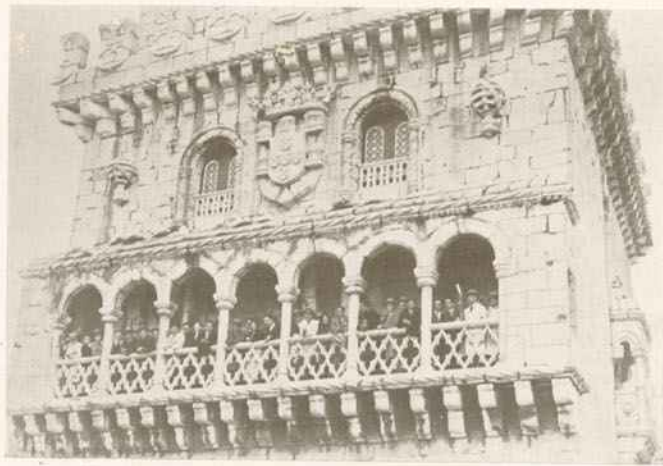


O professor dr. Tomaz de Melo Breyner

ria Pia, a Itália, em 1901; o rei D. Carlos, às Pedras Salgadas, em 1906 e 1907. Estava de serviço, no paço das Necessidades, em 1 de Fevereiro de 1908. Foi portanto, quem, como médico da Real Câmara, recebeu os cadáveres de D. Carlos e D. Luís Felipe, dirigindo a sua instalação na camara ardente e assistindo, no dia seguinte, ao embalsamamento.

Sifilógrafo eminente, publicou vários trabalhos não só dessa especialidade, como sobre outras questões médicas, e realizou muitas conferências de propaganda da luta contra a avariose.

Deputado na legislatura de 1906-1907, ocupou-



A seguir aos Terrenos, onde se detiveram perante os túmulos de Camões, Vasco da Gama, Herculano, Garrett, Teófilo Braga, João de Deus e Saldanha Pais, os académicos brasileiros visitaram a Torre de Belém, admirando o lindo panorama do Tejo, tendo recordado a viagem Sazavara-Coutinho ao Brasil.



Na embaixada do Brasil, a convite do sr. dr. Guerra Inual, representante daquele país, e com a assistência dos mais categorizados membros da colónia brasileira e de alguns professores universitários portugueses, realizou-se uma festa de recepção dos estudantes cariocas. Os académicos, a seguir ao chá, cantaram uma toada terra-de-sambas e de «emboladas», que foram largamente aplaudidas, sendo obrigados a tocar quasi todas as músicas.



Após ter visitado o triângulo turístico Lisboa-Sintra-Cascais a embaixada académica brasileira esteve no Estoril, onde se realizou um chá dançante, que decorreu com extraordinária bribe. À noite foi-lhe oferecida, pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, um jantar, a que assistiram membros da academia portuguesa, muitas senhoras e o sr. dr. Franklin de Almeida Lima, secretário da embaixada do Brasil.

EMBAIXADA

Encontra-se em Portugal um grupo de estudantes académicos universitários brasileiros

A bordo do «Siqueira Campos» chegaram a Lisboa no dia 20 do mês passado cerca de quarenta estudantes universitários brasileiros. Vieram pagar a visita que fez ao Brasil, em 1925, o Orfeão Académico de Lisboa. Apesar de não ter carácter oficial a recepção, que os estudantes portugueses lhe fizeram, excedeu o previsto. No Porto e em Coimbra, foram recebidos com grandes demonstrações de carinho. Em Lisboa, apesar da chuva torrencial que caiu durante os primeiros dias da sua estada entre nós, o acolhimento feito, revestiu-se de grande afabilidade.

A camaradagem ligou desde as primeiras horas, estudantes portugueses e brasileiros, como se fossem companheiros da mesma escola. Portugal e Brasil viveram, assim unidos, durante os poucos dias que durou a visita. Alguns dos universitários cariocas embarcaram no domingo no «Bagé» levando certamente saudades

ACADÉMICA

em Portugal universitários brasileiros

do tempo passado entre nós. Dentro do coração de cada brasileiro ia um pouco da nossa alma, da nossa terra. Povos irmãos, que falam a mesma língua, só desta maneira poderão ter sempre latente a amizade e a fraternidade que os une. Se não tiveram a receção no Tejo, devido ao dia de chuva e de neblina que fazia, o entusiasmo da alma académica portuguesa, diversem por outro lado, a boa camaradagem da mocidade das nossas escolas sempre ao seu lado. A despedida foi afectuosa, como não podia deixar de ser. O espírito moço lusitano vibrou no cais, acenando os lenços com saudade de ver partir os colegas brasileiros. Estas visitas, embora sem carácter oficial, estreitam por vezes mais as suas relações, do que uma obra de diplomacia. Portugal e Brasil, dois países que se estimam, melhor poderão assim dar as mãos, juntando o pensamento moço e unindo os corações pela intima colaboração entre a mocidade luso-brasileira.



Depois dum passeio pela cidade, tendo visitado os pontos altos de Lisboa, os estudantes estiveram no Museu de Arte Antiga, onde foram recebidos pelos srs. Luiz Kell e dr. João Couto, conservadores, tendo admirado os quadros dos principais mestres portugueses e estrangeiros e a catedral de Belem.



Além de agradecer ao sr. dr. Oliveira Salazar as facilidades prestadas durante a sua estada entre nós, os académicos brasileiros estiveram na presidência do ministério, acompanhados pelos srs. drs. Araldo Brito e Gomes dos Santos, que foram parte do Orfeão Académico que visitou o Brasil em 1925. O chefe do governo, leve, emre outras a seguinte frase para os visitantes: «V. ex.ª são tratados como parentes e por uma forma completamente diferente da que dispensamos a outros estrangeiros».



Acompanhados dos srs. drs. Guerra Inual e Franklin de Almeida Lima, respectivamente embaixador e secretário da embaixada do Brasil em Lisboa, os estudantes brasileiros visitaram o palácio de Belem, onde foram recebidos pelo chefe do Estado. O presidente honorário da embaixada académica, sr. dr. Abílio de Vasconcelos entregou ao sr. general Carneiro a mensagem da Federação das Associações Portuguesas do Brasil.

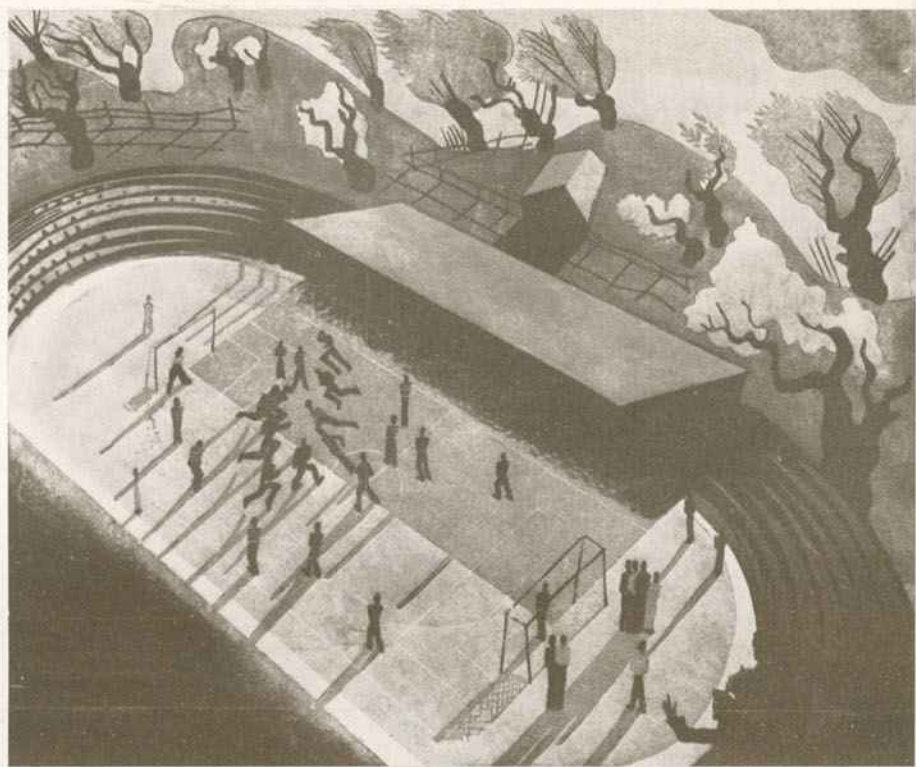
Os artistas polacos

e a gravura em madeira

A arte gráfica comemora actualmente na Polónia a sua renascença e domina tódas as artes plásticas. De entre as suas várias modalidades a mais característica naquele país é a gravura em madeira, tanto pelo estilo, como pelo material empregado. Essas gravuras, depois de passadas ao papel, revestem uma feição artística primitiva, dando a nítida impressão dos objectos que representam. A arte gráfica, levada a efeito pela geração nova é muito vasta e variada. É trabalhada na sua maior parte, em gravuras sôbre a madeira. Os assuntos que usam, embora variados, todos têm uma forma arcaica e primitiva com retôrno ao tempo antigo.



Bogna Krasnodeboka-Gazdowska



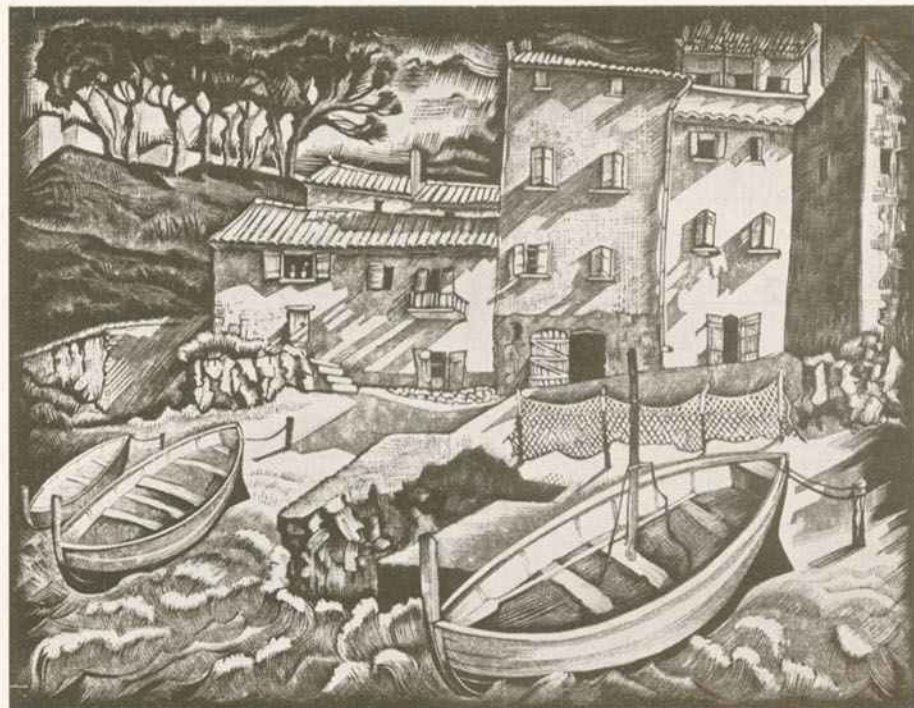
«Estadium», gravura em madeira que obteve o primeiro premio na Exposição de Los Angeles

Como exemplo, podemos citar os trabalhos de Bogna Krasnodeboka-Gazdowska, onde se observam as várias *etapas* de estilo, como seja o japonês que é o arcaico primitivo. Esta senhora é uma artista muito hábil e cheia de talento, tendo alcançado medalhas de ouro em muitas exposições estrangeiras e nacionais. Logo que terminou os seus estudos na Escola de Belas Artes de Varsóvia, completou-os em Paris e na Itália. A sua especialidade são principalmente gravuras em madeira.

Não menos artista é Janina Konarska, que desde pequena começou a dedicar-se ao desenho, pintura e plástica, chegando a ser considerada como um dos «ases» da arte gráfica polaca.



Janina Konarska

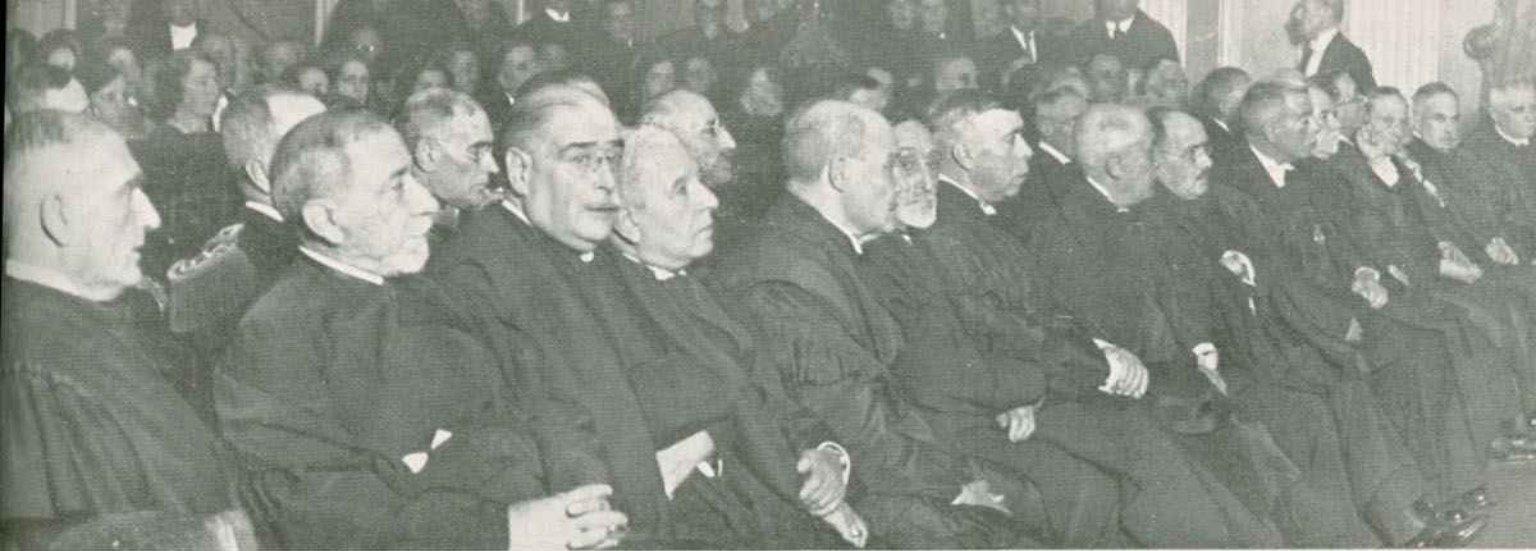


Um canto em Italia

Percorreu quasi tódá a Europa expondo os seus trabalhos e ganhando muitas medalhas de ouro. O seu maior sucesso foi obtido na Exposição Internacional dos Jogos Olímpicos em Los Angeles, onde recebeu pela gravura «Estadium» que publicamos, o primeiro prêmio. Janina Konarska tem apenas 25 anos e é considerada como sendo uma das mulheres mais bonitas de Varsóvia. Ambas concorreram últimamente à Exposição Internacional de Varsóvia, onde apresentaram os seus trabalhos de gravura em madeira. Obtiveram: Bogna Krasnodeboka-Gazdowska, o primeiro prêmio e Janina Konarska o segundo.

Vê-se, por aqui, o elevado sentimento estético que possuem os polacos, povo que está ressurgindo a passos agigantados em tódas as manifestações artísticas.

Rita San.



No salão nobre do Supremo Tribunal de Justiça — onde há cem anos se fez a sua solene instalação — comemorou-se o primeiro centenário da sua fundação. Foi uma cerimónia imponente. Todo o meio forense ali se reuniu. Juizes de todas as instâncias, advogados, homens do foro, tudo ali ocorreu na noite de sábado último.

A mesa foi constituída: o sr. dr. Oliveira Salazar, chefe do governo tomou a presidência, representando o Presidente da República; à sua direita sentou-se o sr. dr. Manuel Rodrigues, ministro da Justiça; dr. Henrique Gois, procurador geral da República; dr. Barbosa de Magalhães, bastonário da Ordem dos Advogados; e dr. Carneiro Pacheco, vice-reitor da Universidade de Lisboa; e à sua esquerda, tomaram lugar os srs. dr. Sousa Monteiro, juiz-presidente do Supremo Tribunal; general Vieira da Rocha, presidente do Supremo Tribunal de Justiça Militar; dr. António da Fonseca, presidente do Tribunal de Contas; e dr. José Alberto dos Reis, professor da Universidade de Coimbra.

Falou em primeiro lugar o sr. ministro da Justiça que disse que «ao governo compete ser o intérprete oficial do respeito público, e é esse dever que agora cumpre. Mas associando-se a esta festa, o governo não pretende apenas prestar homenagem ao Supremo Tribunal de Justiça e por ele a toda a magistratura e a todos os organismos judiciais; pretende também significar que a vida e os destinos de uma instituição de tão alto relêvo são crêdores de preocupações e cuidados especiais.»

Depois de acentuar que o Supremo Tribunal actuava, em 1883, sobre um direito novo, o sr. dr. Manuel Rodrigues declarou que também hoje o Supremo, renovado, actua sobre um direito que «uma revolução crucial vai transformando nas suas bases, nos seus processos e nos seus fins». E continuou:

Efectivamente no início da vida do Supremo, dominava todo o direito e individualismo. Aqueles que, anos atrás, haviam lançado as bases da organização jurídica, tinham partido do homem isolado, abstracto, senhor da sua própria existência e criador da regra da sua actividade, estranho à natureza, à sociedade, e à história. Livre e independente, ele tinha demitido de si alguns poderes, para com outros os pôr em comum, criando o direito que constituía a es-

O centenário do Supremo Tribunal de Justiça

trutura da sociedade e o Estado, para vigiar e sancionar a aplicação do direito.

Em seguida foi dada a palavra ao sr. dr. Barbosa de Magalhães, illustre bastonário da Ordem dos Advogados, que começou por afirmar:

—Dois factos culminantes na vida jurídica portuguesa assinalaram o ano de 1833: a instalação do Supremo Tribunal de Justiça e a promulgação do 1.º Código Português — o Código Commercial, justamente conhecido pelo glorioso nome do seu autor — Ferreira Borges. E' o centenário daquela instalação que hoje aqui celebramos, por louvável iniciativa do magistrado illustre que ora preside ao mais alto Tribunal da Nação. O centenário da promulgação do Código Commercial será em breve celebrado pela Academia das Ciências, pela Faculdade de Direito e pela Ordem dos Advogados.

Depois de ter evocado o nome de Mousinho da Silveira, o insigne legislador, autor dos decretos que organisaram o Supremo Tribunal de Justiça

e de ter falado sobre a missão do Poder Judicial, o antigo ministro da República terminou:

—Sr. presidente do Supremo Tribunal de Justiça: A Ordem dos Advogados, a Universidade de Lisboa e em especial a sua Faculdade de Direito, saudam em V. Ex.ª este Alto Tribunal, e nele saudam a nobre e honrada Magistratura Judicial Portuguesa.

Como professor da cadeira de «Processo» da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra usou a seguir da palavra o sr. dr. José Alberto dos Reis e por último proferiu um notável discurso o sr. dr. Sousa Monteiro, presidente do Supremo Tribunal de Justiça. Começou por saudar o sr. presidente do ministério, pedindo-lhe que apresentasse respeitosa homenagem e votos de rápidas melhoras ao sr. Presidente da República, que não compareceu por motivo de doença. Saudou, também, o sr. ministro da Justiça, referindo-se à sua obra de profunda remodelação da Justiça, afirmando que ele tornara a magistratura independente. Agradeceu aos srs. drs. Barbosa de Magalhães e José Alberto dos Reis as suas notabilíssimas conferências e saudou, por fim, as senhoras presentes e todos os assistentes. Procedeu, depois, à leitura da sua conferência, que a assistência muito aplaudiu.



AO ALTO DA VÁPIA: Aspecto que oferecia a bancada dos juizes das várias instâncias, com as suas becas, durante a sessão solene

EM CIMA: A mesa da presidência durante o discurso do sr. dr. Manuel Rodrigues, ministro da Justiça

AO LADO: Um trecho da selecta assistência, onde se viam numerosos juizes, advogados, homens do foro e officiaes do exercito e da armada



FALECEU em Londres, onde se encontrava residindo após a sua aposentação, o eminente diplomata britânico, sir Lancelot Douglas Carnegie, cujo nome ilustre se encontra ligado a um extenso e agitado período da vida portuguesa.

Sir Carnegie nasceu em 26 de Dezembro de 1861 e contava, portanto à data da sua morte 72 anos de idade. Fez os seus estudos em Eton e Oxford. Em 1887 ingressou na carreira diplomática. Foi adido de legação nas embaixadas de Madrid, Petrogrado, Berlim, Pequim, Viena e Paris. Em 1906 foi nomeado conselheiro de embaixada e de 1911 a 1913 ocupou o posto de ministro em Paris.

Tão notáveis foram as aptidões que demonstrou possuir que a sua promoção a cargos mais elevados não se fez esperar.

Em 1 de Novembro de 1913 foi colocado em Lisboa como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da Grã-Bretanha.

Este facto dá a medida do alto apreço em que era tido pelo governo inglês, pois este mostrou sempre especial interesse nas suas relações com Portugal.

No desempenho do seu cargo afirmou superior inteligência, contribuindo em larga escala para a consolidação da secular amizade luso-britânica. Cercou-o constantemente, nos meios oficiais portugueses, o respeito e simpatia de todos.

Em reconhecimento dos seus altos serviços foi agraciado pelo governo português com as Grã-cruzes das Ordens de Sant'Iago e Cristo. Era também cavaleiro comandante da Ordem de São Miguel e São Jorge, uma das mais elevadas distinções honoríficas da Inglaterra.

A declaração de guerra da Alemanha a Portugal veio encontrá-lo no seu posto de ministro.

A morte de sir Carnegie

ilustre diplomata inglês

acreditado durante 15 anos entre nós como representante do governo britânico

Sir Carnegie assistiu, nessa qualidade, á famosa sessão do Congresso português de 10 de Março de 1916 em que foi proclamada a abertura das hostilidades.

Durante o Governo de Sidónio Pais, sir Carnegie foi portador duma mensagem do rei Jorge V, em que se lia:

"Sua Majestade Britânica deseja acreditar um embaixador em Portugal e S. M. o Rei da Grã Bretanha e Irlanda está pronto a receber um represen-

tação de representação de S. M. em Lisboa..

Não se realizou, contudo, tão depressa como se previa, a mudança de representação anunciada e só cerca de seis anos mais tarde o desejo do soberano inglês foi efectivado.

Sir Carnegie, que durante todo esse tempo acompanhára de perto a vida portuguesa, exercendo o seu cargo de ministro com agrado de todos, recebeu então a justa compensação do seu inteligente esforço, sendo nomeado embaixador.

Por essa ocasião, a representação de Portugal foi também elevada á categoria de embaixada, indo ocupar esse importante posto da diplomacia portuguesa o sr. general Norton de Matos, que tinha regressado de Angola, cheio de prestígio pela obra que havia realizado.

Sir Lancelot Carnegie descendia duma das mais nobres e antigas famílias de Inglaterra. Era filho do nono conde de Southesk e irmão do actual detentor desse título de nobreza.

Ocupou o seu elevado cargo, em que tanto contribuiu para o estreitamento das relações luso-britânicas até 1928, data em que foi aposentado por ter atingido o limite de idade.

A sua morte causou grande consternação no nosso país, tanto entre a colónia inglesa como nos meios oficiais portugueses onde conquistou inúmeras simpatias durante o largo período de tempo em que aqui residiu.

Durante a sua permanência em Lisboa, sir Carnegie foi retratado pelo grande pintor inglês Philippe de Lasló, cujo artístico trabalho reproduzimos nesta página.



Sir Lancelot Carnegie

(Quadro do pintor inglês Lasló)

A COSTA DO SOL DESPORTIVA



A última quinzena foi, no Estoril, animadíssima, desportivamente falando. Fez-se de tudo: esgrima, ciclismo e automobilismo. No dia 22, de tarde e à noite, foi disputada a «final» do Torneio de Esgrima. O resultado foi o seguinte: 1.º, Henrique da Silveira, com 7 vitórias e 1 derrota; 2.º, Jorge Paiva, com 6 e 2; 3.º, João Sasseti, com 5 e 2; 4.º, Gustavo Carinhas, com 4 e 2; 5.º, dr. Francisco Uva, com 3 e 4; 6.º, capitão Jorge Oom, com 2 e 5; 7.º, Jorge Gomes de Lima, com 2 e 5, e 8.º, Cesário Pereira, com 7 derrotas. Na gravura, veem-se os finalistas a pós a distribuição dos prémios, à qual assistiram os estudantes brasileiros que estavam acompanhados do embaixador do Brasil.



Num percurso de 118 quilómetros, em 5 voltas a um circuito, compreendido entre Estoril, Carcavelos, S. Domingos de Rana, Alcábaldeche e Estoril, disputou-se, a prova ciclista do «Grande Prémio do Estoril», organizada pelo Sporting Club do Estoril, com a colaboração da Sociedade Propaganda da Costa do Sol. Cesar Luiz venceu a corrida com o tempo de 4 h. e 4 s., seguido de João Gomes, com 4 h. e 9 s.; de José Marques, com 4 h. e 18 s.; de Gil Moreira, com 4 h., 2 m. e 2 s., e de João Francisco, com 4 h. e 4 m.



Despertou grande interesse a original prova automobilística «Puzle-Estoril». Foi disputada por alguns dos nossos melhores volantes, cada um dos quais ia acompanhado duma senhora. As classificações foram as seguintes: 1.º, Manuel Duarte Nunes dos Santos com a sr.ª D. Rita Gonçalves; 2.º, Manuel Soares Mendes com a sr.ª D. Maria Luíza da Veiga; 3.º, Luiz Fonseca com a sr.ª D. Etevínia Maritus; 4.º, Carlos Figueira, com a sr.ª D. Maria Flora Amaral, e 5.º, Henrique Vieira com a sr.ª D. Maria Luíza Vaz Monteiro. A nossa gravura mostra-nos a distribuição dos prémios que se efectuou à hora do chá, no Casino.

VIDA ELEGANTE

Duquesa de Armstrong

A bordo do paquete «Cap Arcona», acompanhada do médico argentino sr. dr. Júlio Leiger e de sua esposa a sr.^a D. Ester de Leiger, passou no Tejo, em viagem para Buenos Aires, onde vai visitar as suas importantes propriedades, a sr.^a duquesa de Armstrong.

No cais a cumprimentar a ilustre titular, viam as seguintes pessoas:

Marquês de Faria, conde e condessa de S. Payo (D. António Pedro e D. Maria), viscondessa de Silveiras, dr. Jorge Santos e D. Inês Carmona Santos, comandante Jayme de Sousa e D. Laura Serzedelo Teixeira de Sousa, capitão António da Silva e Costa e D. Cezaltina Adelaide da Silva Carmona e Costa, Afonso de Ornelas e D. Anunciada de Ornelas, tenente Mario de Carvalho Nunes e D. Maria Adelaide Paun e Lorena de Carvalho Nunes, capitão Alexandre de Vasconcelhos e Sá (Silveiras), Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Casamentos

Com grande brilhantismo realizou-se na paróquia da Encarnação, o casamento da sr.^a D. Maria Tereza Perry Vidal Pereira de Sequeira da Costa, filha da sr.^a D. Ema Perry Vidal Pereira de Sequeira da Costa, já falecida, e do sr. dr. Levy Marques da Costa, com o sr. dr. António Maria da Camara Horta e Costa, filho da sr.^a D. Maria Luísa da Camara Horta e Costa e do sr. conselheiro dr. António Maria de Sousa Horta e Costa, já falecido.

Foram madrinhas a tia da noiva sr.^a D. Clarisse Marques da Costa Pinto Bastos e a mãe do noivo e padrinhos o pai da noiva e tio do noivo sr. dr. Bernardo Maria de Sousa Horta e Costa.

Celebrou o acto religioso, o prior reverendo dr. João Francisco da Silva que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Finda a cerimónia religiosa, durante o qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência do pai da noiva, na rua D. Pedro V, um lanche, seguindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se com muita intimidade, na paróquia dos Santos Reis, ao Campo Grande, o casamento da sr.^a D. Maria Eugénia Mera Pinto de Magalhães, com o sr. dr. António Neves Martinha, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os srs. Augusto Vasco Pinto de Magalhães e D. Alberto Velasco e Mera.

O acto religioso, foi celebrado pelo reverendo Silvestre, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção. Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um lanche, partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Sendo celebrante o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira o casamento da sr.^a D. Maria Barbosa Correia dos Santos, filha da sr.^a D. Maria Carlota Martins dos Santos e do coronel do estado maior sr. João António Correia dos Santos, com o engenheiro sr. Francisco José de Noronha Leote, filho da sr.^a D. Leonor de Noronha Leote e do sr. Joaquim Eduardo de Andrade Leote.

Serviram de madrinhas a sr.^a D. Mariana dos Santos Dóres e a mãe do noivo, e de padrinhos os srs. Jesus Jacinto das Dóres e José Florêncio de Sousa Castelo Branco.

Findo o acto religioso, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos depois para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Deve-se realizar nos primeiros dias do corrente mês, o casamento da sr.^a D. Maria do Carmo Rebelo de Andrade de Vasconcelos e Sousa, filha da sr.^a D. Maria do Carmo Rebelo de Andrade de Vasconcelos e Sousa e do sr. D. Luís de Vasconcelos e Sousa, já falecido, com o sr. António Macieira Lino, filho da sr.^a D. Maria Emília Macieira Lino e do sr. José Lino da Silva.

— Em Coimbra realizou-se na Sé Nova, o casamento da sr.^a D. Adélia Montes Golegã, filha da sr.^a D. Maria dos Anjos Montes Golegã e do sr. Manuel Golegã Sousa Santos, com o sr. Fernando Salvatori Santos, filho da sr.^a D. Maria Salvatori Santos, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo, sr. dr. Mário Salvatori Santos.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido um lanche, partindo os noivos depois para a sua casa, em Miranda do Douro, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu filho Fernando, aluno do Instituto Superior de Agronomia, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Ester de Abreu Carvalho Araújo, viúva do heroico comandante Carvalho Araújo, a sr.^a D. Isaura de Lemos Ivo, interessante filha da sr.^a D. Alice Dias de Lemos Ivo e do sr. Américo dos Santos Ivo, funcionário da Companhia de Moçambique.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Maria Celeste Gomes, filha da sr.^a D. Joaquina da Silva Gomes e do sr. António Gomes, com o primeiro tenente da armada sr. Américo Pereira dos Santos Cabral, filho da sr.^a D. Maria da Assunção Cabral e do sr. Manuel Pereira dos Santos, já falecido, tendo servido de padrinhos por parte da noiva o sr. José Alcobia Júnior e sua esposa, a sr.^a D. Ilda Fragoço Alcobia, e por parte do noivo seu irmão sr. dr. José Pereira dos Santos Cabral, que se fez representar por seu irmão Vasco, e sua cunhada, a sr.^a D. Carlota Rôxo Cabral.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na residência dos padrinhos da noiva, um lanche, seguindo os noivos para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Na Sé Patriarcal da Guarda, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Adelaide Patrício Ribas, filha da sr.^a D. Evangelina Patrício Ribas, e do coronel sr. Jerónimo Gonçalves Ribas, com o capitão de artilharia s. sr. Eduardo Augusto Dias de Castro Pereira, filho da sr.^a D. Alice Buisson Nogueira de Castro Pereira e do sr. Alfredo Dias de Castro Pereira, tendo servido de padrinhos por parte da noiva seus pais e por parte do noivo seus tios o sr. dr. António Lopes Cardoso, juiz



A sr.^a D. Maria Tereza Perry Vidal Marques da Costa e o sr. dr. António da Camara Horta e Costa, por ocasião do seu casamento realizado na paróquia da Encarnação



Casamento da sr.^a D. Maria Eugénia Mera Pinto de Magalhães, com o sr. dr. António das Neves Martinha; os noivos a saída da igreja dos Santos Reis, ao Campo Grande

Desembargador do Tribunal da Relação de Lisboa, e sua esposa a sr.^a D. Adelaide de Castro Pereira Lopes Cardoso.

— Realizou-se na paróquia de Santo António do Estoril, o casamento da sr.^a D. Maria Adelaide de Costa Lopes, filha da sr.^a D. Maria da Soledade da Costa Lopes e do sr. João Caetano Lopes, com o sr. Francisco Gustavo Liebermaister Tavares de Almeida e do sr. Augusto Tavares de Almeida, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Josefina de Vasconcelos Abreu Andresen e de padrinhos o pai da noiva, ausente em África, que se fez representar por seu filho Ruy e o sr. D. João de Noronha (Paraty), tio do noivo, sendo o acto celebrado pelo prior da freguesia Monsenhor António José Moita, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

— Na paróquia de S. Mamede, realizou-se o casamento da sr.^a D. Irene Augusta Desiré Bonard, filha da sr.^a D. Luísa da Conceição Lisboa Desiré Bonard e do sr. Augusto Desiré Bonard, já falecido, com o sr. António Taveira Carvalho da Costa, secretário ajudante do tenente-coronel sr. Linhares de Lima, presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, filho da sr.^a D. Rosina Taveira Pinto Carvalho da Costa e do coronel sr. António Augusto Carvalho da Costa, já falecido.

Foram padrinhos por parte da noiva seus tios o sr. Armando Desiré Bonard e sua esposa, a sr.^a D. Ricardina Horta Bonard e por parte do noivo sua mãe e o capitão sr. José Mousinho de Albuquerque, 2.^o comandante do regimento de cavalaria da Guarda Nacional Republicana.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos noivos, um lanche.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Alice Neto Rebelo da Gama, esposa do sr. Faustino Luz da Gama. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— A sr.^a D. Júlia Talone da Costa e Silva de Sousa, esposa do engenheiro sr. José Guerreiro de Sousa, director da página científica do jornal *A Voz*, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho, encontram-se felizmente, bem de saúde.

Baptizados

Realizou-se na paróquia de S. Mamede, o baptizado do menino José Carlos, filho da sr.^a D. Maria Carolina de Matos Sequeira Duque e do 1.^o tenente da armada sr. Tomaz Victor Duque, em serviço em New Castle, tendo servido de madrinha a sr.^a D. Henriqueta Duque Teixeira de Santana e de padrinho o sr. coronel Teixeira de Santana.

D. Nuno.

A TELEVISÃO

e suas possibilidades actuais

De todas as maravilhas que o progresso da ciência tornou possíveis a que mais seduz a imaginação humana é sem dúvida a transmissão das imagens a distância, que permite prolongar as possibilidades do nosso sentido primordial — a visão.

Poucos serão, de-certo, os leitores que ficarão surpreendidos ao ouvir dizer que a transmissão de fotografias e cenas por intermédio das ondas hertzianas saiu já do campo das experiências para entrar no das aplicações práticas e da exploração industrial.

Se o modo como as imagens são actualmente transmitidas está ainda longe da perfeição, a verdade é que já se constroem aparelhos de recepção para amadores, e que o número destes aumenta numa animadora progressão.

Para verificar este último facto basta consultar as estatísticas. Em França o número de amadores que se dedicam á recepção de imagens transmitidas pela Administração dos Correios, Telegrafos e Telephones (P. T. T.) é computado em um milhar. Espalhados pelo resto da Europa existe cerca de uma dezena de estações emissoras e na América do Norte o seu número sobe já a vinte e oito.

São, por enquanto números ínfimos, se os compararmos com os dos amadores e postos de emissão de telefonia. Mas convém lembrar que a televisão está ainda na sua infância e que só

nêstes anos imediatos ela entrará praticamente no domínio público.

O leitor ingénua e alheado destas questões perguntará, talvez:

—Vamos então ter telefones dotados dispositivos que nos permitam ver o interlocutor?

Assim sucederá, de-certo, num prazo mais ou menos longo. Mas não é essa a aplicação da televisão que está destinada a causar maiores surpresas.

Vejam, entretanto, as possibilidades actuais dessa maravilhosa conquista da ciência e o conjunto de conhecimentos e invenções que a tornaram possível.

Tal como succede com a telegrafia sem fios, a descoberta da televisão não pode ser atribuída a um só inventor. A transmissão de imagens pelo espaço ou pelos fios deve ter obsediado a imaginação de muitos sábios através dos tempos. Os conhecimentos que a tornam hoje possível não são pois obra de um, mas de muitos. Justo é contudo

citar, como um precursor, Nipkow, que em 1880 se ocupou do assunto e cujos geniais inventos ainda hoje são empregados com algumas modificações. Depois dêste, Weiler, Brilouin e Barthelemy trouxeram á ciência novas contribuições que a levaram ao grau de aperfeiçoamento em que hoje se encontra.

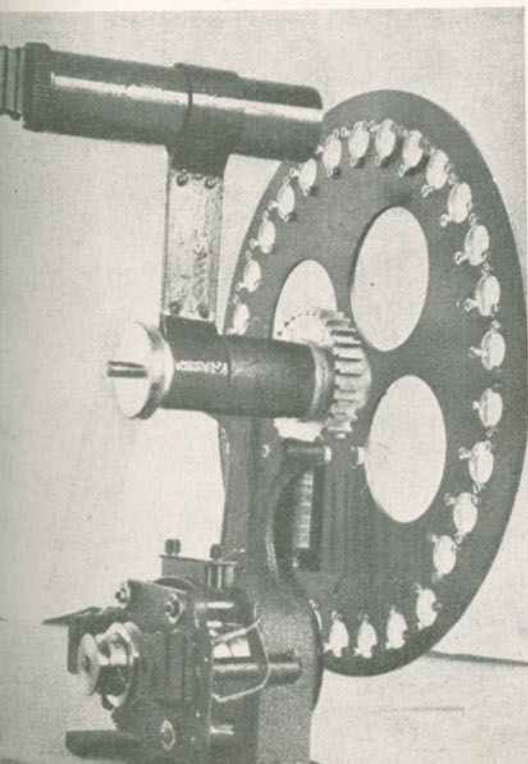
O princípio teórico da televisão consiste em dividir a imagem num certo número de pontos, transformar depois cada um dêles numa descarga eléctrica cuja intensidade varia com o seu grau de iluminação, e fazer mudar essas descargas com tal rapidez que á última caiba ainda dentro do breve espaço de tempo em que o primeiro ponto transformado em luz persiste na retina após desaparecer.

É conhecido o princípio, que o cinema aplica, segundo o qual uma impressão luminosa subsiste na retina um décimo de segundo depois de ter cessado o fenómeno luminoso que lhe dava origem. Na televisão este princípio tem, como vemos, uma aplicação mais vasta ainda. Não só as imagens se devem suceder com uma cadência que permita reconstituir a impressão de movimento, como ainda os pontos que formam a mesma imagem deve seguir com tal velocidade que a sua reunião crie na retina a imagem.

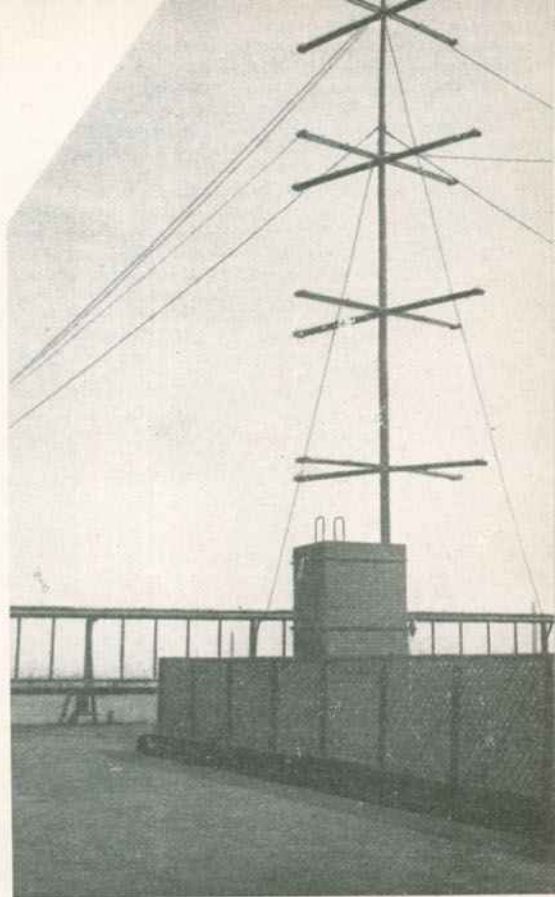
Ora o resultado ideal seria obtido com uma divisão da imagem em 100.000 pontos luminosos. Não vão, porém, tão longe os recursos actuais da ciência. Mas os resultados são já



Uma célula foto-eléctrica



O primeiro receptor de televisão lançado no mercado francês



Antena da estação emissora de televisão de Bertim

apreciáveis com dez e cinco mil pontos e para imagens pequenas uma divisão em 1.200 pontos permite obter já uma transmissão regular.

Quanto á transformação de cada um dêses pontos luminosos em corrente eléctrica modulada, obtém-se por intermédio da célula foto-eléctrica que tantas aplicações tem já no mais variados domínios da ciência. A célula foto-eléctrica é constituída por elementos que se tornam mais ou menos condutores da electricidade na relação da luz recebida. E é a variação dessa propriedade que modula a corrente eléctrica.

A aplicação prática desta teoria é já feita por diversos aparelhos que se encontram no mercado a preços acessíveis. Além disso, qualquer bom aparelho de telefonia pode ser modificado no sentido de receber as emissões de televisão.

Quanto á telefotografia, isto é, a transmissão de fotografias pelo éter, as dificuldades são menores visto que o factor tempo não existe e a decomposição da imagem em pontos pode ser feita durante um período mais ou menos longo. Por isso mesmo o seu uso é já corrente e os grandes jornais do mundo utilizam êsse processo para publicarem com a mínima demora as grandes reportagens fotográficas. São já frequentes as transmissões transatlânticas de fotografias com apreciável êxito.

A aplicação das ondas ultra-curtas que Marconi aperfeiçoa está destinada a alargar muito as possibilidades dêste novo ramo de ciência.

Aproveitamos a ocasião para dizer que o neologismo *televisão* que este admirável invento introduziu na nossa língua se nos afigura pouco recomendável. *Televisão* é, de facto, um hibridismo visto que o compõem um radical grego e outro latino. Mais acertado nos pareceria *teletopia* (de *tele*, longe e *photon*, luz). Mas é já tarde, talvez, para remediar o mal.

À hoste de Nun'Alvares P'la honra da castelã!

*Nun'Alvares
na batalha de
Valverde*

(Estudo de
Sousa Lo-
pes).

desordem. Na capela senhorial, à ilharga da torre solene que está ali como vigia de todos aqueles bens, comprimem-se as donas tímidas e a criadagem senil, chorando e invocando santos protectores. E no abraço da cintura das muralhas, contra a torre de menagem, contra os muros do alcaçar, contra a linha ogivada da capela, formiga, acotovela-se a peonagem menor na obrigação de acumular pedras para as fundas, de sobraçar flechas para os arcos, de derreter breu para as caldeiras — o breu fervente que se despeja sobre os combatentes de mais ousada sanha contra os muros fortificados.

Lá fóra as trombetas soam, atroando o espaço. De dentro soam, respondendo-lhe, outras guerridas trombetas.

E de novo os de fóra soltam o brado: — Portugal! São Jorge!

E de novo os de dentro clamam, altivos:

— Por Castilha! Santiago!

O assalto recomeça. A peleja assume violências de temporal. Cruzam-se no ar, aos centos, as setas no seu zumbido de enxames. É um matraquear áspero de baquetas o tam-tam das pedras e virotões nos escudos e armaduras. As pragas em castelhano, os insultos em português, fundindo-se, reboando, compõem uma algazarra de multidão em delírio. De cima divisa-se o baquear de cavaleiros, e os cavalos largaram à solta no pavor do extermínio. Nisto, no mais acêso da peleja, Alvaro de Bacelar, como Nun'Alvares avance para as muralhas numa arrancada de vertigem, debruça-se do parapeito das ameias. Uma flecha, a silvar, crava-se-lhe na face. É ele tomba para traz, num rouco uivo de dôr.

Na praça estabelece-se a confusão. Homens de armas menos calmes fogem do seu posto para a torre de menagem. Fundibulários medrosos escondem-se nas cavalariças. D. Isabel de Lira procura dominar o pânico, incitando os fracos, louvando os fortes. Mas o medo concita o medo. As deserções favorecem deserções. Pelo que, dentro em pouco, toda a praça sitiada é uma nau em desordem nos estortores do naufrágio.

Quando os primeiros assaltantes a aclamarem vitória, surgem na aresta das muralhas, invadindo o patim, bradando chuchos, apontando lanças, sobe o último degrau das escadeiras do alcaçar, de que cerra a pesada porta chapeada de ferro, a viuva do alcaide, D. Isabel de Lira, o passo sereno, a atitude firme. Arrombada a machado e a ariete a porta do castelo, a manada dos quadrilheiros sôfregos de saque, a jolda dos lanceiros sedentos de

O castelo recorta-se ao alto, contra o céu azul, emergindo do maciço verde do arvoredado, do confuso amontoamento dos rochedos, erupção belicosa daquele solo eriçado de obstáculos. Branco, da brancura do granito aparelhado de fresco, cinge de muros, e torres albarrãs nos ângulos salientes, e dentes de ameias no topo dos adarves, a corôa adusta do monte. Recortam-se em curva de ogiva a porta que comunica com o fôssco exterior, e as seteiras abertas nos muros, e os postigos dos bastiões. E ao centro, quadrangular e forte, afronta montes e vales a arrogância da torre de menagem.

A aproximação dos assaltantes, com o ruído das trombetas, a grita da peonagem e os relinchos dos ginetes, a porta do castelo cerra-se, ameaçadora. A ponte levadiça ergue-se severamente, no rangido áspero do esticar das correntes de ferro. E nos vãos das ameias, nos muros e torres, correndo ao longo dos adarves, desabrocha sebe móvel de cabeças, arcos de besta, flechas agudas, lampejantes, o pendão heráldico dos Gomes Bacelar a palpitar ao vento.

De fóra um escudeiro abeira-se do fôssco, intima os de dentro a renderem-se a El-Rei D. João I de Portugal. Os de dentro, em resposta, fortes na confiança das muralhas altas, das armas e combatentes, gritam, repelindo a intimação:

— Por Castilha! Por Santiago!

— Portugal! São Jorge! — ululam os assaltantes, dispostos em ordem de batalha.

De baixo, arremessam contra os de cima, densa revoada de flechas, pedras, virotões, que sibila no ar mais aguda que o vento. De cima, cospem sobre os de baixo, nunvem espessa de tiros que por pouco não esmorece o sol nas alturas. Sente-se o estralejar da saraivada de pedras no ferro das armaduras e dos escudos. Veem-se tombar peões trespassados de flechas. Por quatro vezes, no entanto, os de baixo acometem os muros infieis. Mas das quatro vezes recuam batidos pela chuva mortífera dos projéteis

de defesa. Até que o coudel-mór da mesnada, reconhecendo que não pode levar a bom termo a empresa com a gente do seu comando, ordena o recuo para além dos tiros das muralhas, e despacha escudeiro, a toda a brida, a dar conta do sucedido ao chefe da sua hoste.

Escutado o mensageiro, junto da tenda já armada no campo do arraial, à sombra fiel das carvalhas e das videiras, o Condestável grita, convocando cavaleiros e peões:

— Aos vilões taidores! A êles! Por honra e serviço de El-Rei, nosso senhor!

E Nun'Alvares na sua mula, ao meio do alferes do estandarte e do gigante do escudo; à retaguarda de Nun'Alvares os coudeis dos cavaleiros, cada um com vinte cavalos; os coudeis dos bésteiros, com os seus troços de trinta soldados; e a turba dos peões das lanças e dos cavalos, das fundas e das bestas, dos quadrilheiros e dos almoçadens, tomam o caminho torcicolado do castelo. Mas agora os cavaleiros não levam os bacinetes levantados. Caiem-lhes antes sobre a face os gocetes de ferro. E apertando os contos das lanças contra a sela dos ginetes, sustentam nos bracelões os fortes escudos.

Os sitiados, ao alto, nas barbacans e nas muralhas, nas torres e nos bastiões, assistem vigilantes ao desdobrar das novas unidades de assalto. O alcaide Alvaro de Bacelar, na sua armadura reluzente, a vizeira erguida, destro e afoito, percorre as barbacans, penetra nos fortins, sobe e desce as torres, impondo deveres e aconselhando movimentos. Sua mulher, D. Isabel Lopes de Lira, que pelas escadeiras do alcaçar baixara ao vasto patim do castelo, aos primeiros tiros trocados, assistida de donas e donzelas da sua casa, afouta os mais tementos, promete alvízaras aos vencedores, distribui pensos e ligaduras pelos feridos.

Ao fundo do patim, desde as escadeiras da torre de menagem ao extremo do alcaçar, os cavalos selados esperam, impacientes, a hora da derrota dos sitiados para o golpe final sobre as mesnadas em

sangue, cavaleiros e escudeiros atropelam-se na fortaleza, passando pelas armas os fidalgos que se não rendem à boamente, tornando prisioneiros os combatentes que se entregam aos vencedores.

O sol, que esteve de testemunha a todo aquele pleito entre filhos da mesma mãe, mal os de fóra entram no castelo, dá a sua missão por finda. E é para pensar o caso de vêr afogar-se em chamas de brazido, velar a face em crepes sanguíneos, no momento em que o sangue de irmãos alaga todo o patim.

Nun'Alvares, o pendão desfraldado, a lança em riste, os trombeteiros a pregoar a vitória à testa da cavalaria, desemboca no terreiro, seguido dos cavaleiros-fidalgos, no transe em que a arráia miuda do castelo se refugia na capela, implorando piedade, em que os quadrilheiros e fundibulários estilham a porta do alcaçar para o saque e a violação de donas e donzelas. E de súbito, distraído pelos mimos e piruetas de D. Bôbo, que no seu saial e na sua gorra debruados de guizos corre do escuro duma atalaia a render vasalagem ao novo senhor, nem dá pelos gritos de angustia que no alcaçar correspondem aos rugidos ferozes da peonagem.

E é sob as abóbadas ogivadas dos longos corredores, sob os tetos artezoados das câmaras e salões que a tragédia culmina. Os quadrilheiros lançam-se à rapina. Os homens de armas, cavaleiros fidalgos mesmo, que assim, pelo costume tornado direito, cobram o primeiro prémio dos riscos da peleja, ou se entregam ao saque se são ávidos, ou, se são libertinos, se cevam nas carnes apeteçadas que lhes caem sob as presas — esquecida a lei do cavalheirismo ditada pela Távola-Ronda. Assim, enquanto nos sítios próprios as arcas estalam sob golpes de machados, e entram e saem peões carregados de pratas, ajouçados de brocados e bragaes, nas câmaras de dormir os gritos angustiosos, os soluços e súplicas cruzam-se com as apostrofes de triunfo e os rouquidos de domínio — e ouve-se o rumor de portas arrombadas, e sente-se o baquear de corpos em lutas braço a braço.

D. Isabel de Lira, que se fechará no salão nobre do castelo com duas das suas damas, às escuras quasi, pois a luz já mal alumia os vitrais coloridos das janelas góticas, ainda pensa em afrontar, de cabeça sobranceira, a turba faminta de pecado. Mas a voz prudente das companheiras, autorizada pelo rumor do saque e da orgia, fá-la hesitar. Daí a pouco, ao morder dos golpes

na porta do salão, decide passar e cerrar-se na sala contígua. O salão fóra invadido. Novos golpes estalam agora, unisonos com o côro de pragas e ameaças, na porta dessa outra sala. D. Isabel, o sangue altivo de castelã habituada ao respeito e obediência, referendo-lhe nas veias, lembra-se de invocar os brios cavalheirescos de Nun'Alvares. Passa à sua câmara — cujas janelas ogivais olham para o patim. E abrindo a do centro, a voz num timbre de desafronta, clama para baixo, para a multidão que se baralha no terreiro:

— Onde é Nun'Alvares?

À sua aparição inesperada no varandim, àquela hora crepuscular de terror e incerteza, os olhos fitam-se na castelã, os peões emudecem de súbito.

D. Nuno, que juntamente com os demais cavaleiros da hoste se apeára, percorre o patim atravancado de despojos da conquista, verifica o aspecto dos prisioneiros, homens de cavalo e de pé. De modo que, ao ouvir apregoar o seu nome, desanda para as bandas da janela, na peugada do gigantesco Fernandes, que lhe abre trilho através da turba.

— Aqui sou! Quem me chama? — inquire, erguendo para a dona iracunda os olhos castos.

— Eu mesma, D. Isabel Lopes de Lira, senhora dêste castelo, viuva do seu alcaide, Álvaro Gomes de Bacelar, que aí jaz morto a vossos pés, filha do fronteiro Lopo Gomes de Lira, que recolheu ao seu castelo de Ponte de Lima. E por mercê vos peço, senhor D. Nuno, se sois homem de honra, mandeis guardar minha honra, e entregar-me acatadamente a meu pai!

— Muito me apraz ordená-lo, e a vossa honra será guardada!

As trombetas, à ordem de D. Nuno, roncavam imperativas, tocando a reunir. E então, largando as presas, obedecendo ao sinal de comando, a hoste desarvorada junta-se no terreiro.

Depois, à luz de archotes, são franqueadas adegas e ucharias para alimento dos peões. Nas salas armoriadas os fi-

dalgos aguerridos comem e bebem. Os cadáveres descem a sagrado, sendo o de Álvaro de Bacelar, assistido por sua mulher, pranteado por alguns servos leais, sepultado no altar-mór da capela. E à hora de prima, na ante-manhã seguinte, já os galos cantam a alvorada, cavaleiros, homens de armas e homens de pé, abatem-se de joelhos, confundidos na mesma crença, diante do altar em que a missa se celebra.

Manhã clara, com gorgeios de aves nos arvoredos vizinhos, com panejamentos de gaze no céu ruborizado, o Condestável faz aprestar a comitiva que deve selar o cumprimento da sua palavra de cavaleiro.

Xairelada de brocado a mula mais neada das cavaliças do castelo, eleitos entre os de melhor porte os escudeiros e infantes da embaixada, manda avizo a D. Isabel de que soou a hora da partida.

— Ide, senhora! — acentua D. Nuno, na hora da partida, à castelã agora vestida de viuva, seguida por damas e criadas da sua privança — E dizei a Lopo de Lira, vosso pai, que é assim que os fieis ao Rei de Portugal tratam seus contrários!

— O senhor meu pai vos agradecerá, como é do seu uso! — murmura, neste lance, abatida pela comoção a nobre dona de Riba-Minho.

A comitiva põe-se em marcha. À dianteira vai D. Isabel. A seu lado, donas e donzelas, escapadas às fúrias da orgia. No encalço destas, as criadas, escudeiros e infantes. E na aresta das muralhas, neste momento em atitudes de paz, apinham-se fidalgos e peões para assistir ao desfile do cortejo na vereda torcicolada do môro do castelo.

Emerge o sol do fundo das lombas esfumadas dos contrafortes geresianos. O rio Lima, na mansidão dos rebanhos, é rebanho de legenda à procura de pastos virgens no taboleiro verde do vale. E a neblina do hábito respirado durante a noite semelha a poeira do rebanho na marcha.

Sousa Costa.



A peste expulsa os castelhanos de Lisboa

(Quadro de Constantino Fernandes).



PORTUGAL numa competição internacional de arte fotográfica

A fotografia tornou-se, nos últimos tempos, uma grande indústria em marcha, que a Arte vai iluminando de Beleza, à parte do mercantilismo artificial e doentio que, por má ventura, tende a apoderar-se dela. E é assim, porque nenhum invento ligou tanto a acção fugaz e mudável da vida ao espírito humano — digamos, o material ao espiritual — como esse que criou a possibilidade de fixar imagens quimicamente numa câmara-escura. Daqui o seu inestimável valor, de extraordinário reflexo futuro, não só individual como social, ainda não de todo compreendido pelos homens e pelas nações, mas já previsto pelos que caminham na vanguarda, organizando êsses certames modernos que são as grandes competições da actividade humana.

Actualmente encontram-se abertos, como índice bem representativo do apêgo que a fotografia merece, nada menos de três grandes salões fotográficos internacionais. O mais importante é, sem dúvida, por suas tradições o da Polónia — o Miedzynarodowi Salon Fotografiki, organizado anualmente em Cracóvia, pelo Fotoklub Polskiej Yncu, da mesma cidade. Êste ano a afluência ao conceituado Salão de Fotografia, expoente da ressur-

reição da grande pátria secular, foi maior do que nunca. Um rigoroso júri de marcantes individualidades polacas, onde alinham nomes como Piotr Czajpinski, Boleslaw Gardulsky e outros, sob a presidência honorária de Jan Bulhak, procedeu à eleição dos trabalhos enviados não só dos principais países da Europa e Américas, como ainda do Japão, da Índia, China, Austrália, Ilhas Filipinas, etc. Portugal, que concorreu com 50 trabalhos, dos quais 16 foram admitidos, ficou honrosamente classificado em 6.º lugar. As três primeiras classificações foram conquistadas, respectivamente, pela Polónia, com 751-214, os Estados Unidos, com 352-123 e a Austria, com 130-45.

Natural é, portanto, prever ainda uma melhor classificação no futuro, se se atender à apatia nacional, de que em geral são vítimas, por falta de incentivo, tantos dos nossos artistas de valor.

Entretanto, os candidatos portugueses admitidos êste ano, autênticos embaixadores da nossa real actividade, do nosso espírito, na vasta competição internacional de Cracóvia são realmente os grandes nomes da fotografia lusitana, no profissionalismo e no



CARICATURA
(Foto de Alves San-Payo)

O QUE FOI a representação do nosso país no Salão da Polónia

amadorismo. Os trabalhos expostos distinguiram-se, tanto pela sua técnica, como pela especialização no género broméico.

O acaso que presidiu à escolha dos nossos concorrentes ao certamen polaco dêste ano, permitiu ao júri seleccionador, apreciar uma diferenciação sintética e feliz, de personalidade, tendência e processos fotográficos.

Assim, entre os artistas figura Alves San-Payo, o grande estilizador do retrato, que sabe extrair toda a poesia e encanto espiritual, em e tudo latente ou dispersos nos seus modelos. Ninguém como êle para nos dar, interinha, a alma duma criança, tal qual se admira num dos seus retratos admitidos ao Salão da Polónia e que reproduzimos nesta página.

Francisco de Oliveira, é o naturalista das expressões, de uma despretensão tão grande como feliz, que atinge a ternura. A sua *Fermeira Negra* mereceu honras do catálogo da Exposição.

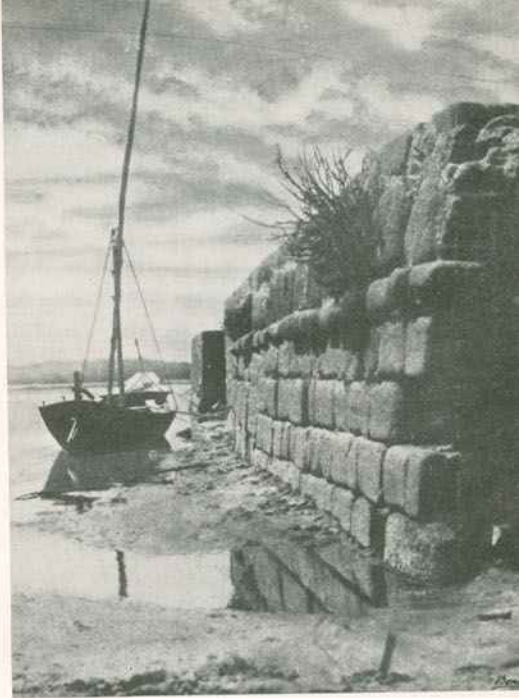
Silva Nogueira, é um retratista notável, que ao cinema tem dedicado a sua actividade, sendo ainda um especialista admirável do stous e do broméico.

Outro artista do broméico, mas amador, todo dado à adoração das linhas e da cor da paisagem ribatejana, é o sr. Frederico Bonacho, da Golegã. A sua *Paisagem de Vau*, que despertou grande atenção na Polónia pela sua originalidade, tem um fundo de surpreendente beleza. Sobretudo, o seu *Baixa-Mar* reproduz um entardecer cheio de poesia. Não hesitamos em classificar o coman-

dante António José Martins, como uma das mais vastas competências na fotografia, o artista didático, por excelência, como bem o evidenciou o seu *Mendigo*, seleccionado pelo júri polaco, e em que as rugas e as barbas do pedinte têm uma discriminação técnica assombrosa, dificilmente ultrapassável pelos melhores modelos dos grandes catálogos fotográficos.

Finalmente João Martins, de quem já suficiente e justamente se tem falado, e Mário Braga, que muito se lhe aproxima, evidenciam-se neste Salão, um com a sua *Festa do Lago*, delicados efeitos de luz em que um cisne voa tranquilo entre reflexos e claridades anaves; e o outro, com o seu *Inverno*, impressionante recorte de ramos nus sobre fundo nublado dum céu triste.

Tais são os embaixadores da nossa arte fotográfica, actualmente na Polónia, e algumas das obras mais notáveis que representam o espírito lusitano, onde o nome da nossa pátria se escreve: Portugalja.



BAIXA-MAR
(Foto de Frederico Bonacho)
INVERNO
(Foto de Mário Braga)



MENDIGO
(Foto de Antonio J. Martins)
A POESIA DO LAGO
(Foto de João Martins)



RETRATO
(Foto de Silva Nogueira)

RETRATO
(Foto de Francisco de Oliveira)





«Braune Haus»
A «Braune Haus»
em Munique

IMPRESSÕES DE VIAGEM

A cidade capital da assistiu ao nascer de Munique cerveja da idéia hitleriana

Um momento do
na Alemanha



«expresso, principia a movimentar-se com matemática pontualidade.

Corre, de fora os quilómetros até Leipzig, torna a maior estação de caminho de ferro da Europa.

O comboio para, descaza uns minutos, é de noite e muito embora os quantos raios de sol que durante o dia tanto se fizeram sentir, tenham desaparecido, faz calor, um calor que só o andamento do comboio consegue atenuar.

O criado dos «wacons luis, amfam numa lufa-lufa constante, percorrendo as catore carruagens, procurando atender, com solidez, os passageiros que insistentemente lhe fazem pedidos de agua, leite ou cerveja.

São quatro horas da manhã quando o horízonto principia a tingir-se de verde-limão. O astro rei surge, lá no longe radiante de luz, esplendorosamente afogado, manchando os pináculos dos montes e as varças do arvoredo com aquela deliciosa cor de fogo, prenúncio do dia que nasce.

E depois sol, sobre sempre, sucedendo-se ao rabiar um amarelo de ouro, li e a sua luz vai inundando os campos, tingindo os prados e dando brilho às águas. O nevoeiro dissipou-se, os pássaros cantam e a Terra anima-se.

O «expresso», indiferente ao dia que nasce e à noite que perde, continua a correr e a serpentear através das extensas florestas de pinheiros ou dos enormes campos de trigo.

Wittels, Nabburg, Schwam, Regensburg, montanhas, inúmeras montanhas transformadas em florestas; depois planícies, grandes campinas em Haidshut, que são mais montanhas a vastidão deliciosa da Baviera e horas depois a cidade dos grandes monumentos, a cidade capital da cerveja; Munique.

Por toda a parte se encontram edifícios grandiosos marcando épocas, séculos e épocas. Desde o «Propyläen», o grandioso Arco de Triunfo de Munique, situado na Königs Platz, isolado por dois outros não menos formidáveis monumentos o «Glyptothek» e a «Basilica», transformados em preciososismos museus, até à Neuschwanst onde, existem as obras da única cidade e do maravilhoso edificio da «Rathaus», tudo são obras de arte, demonstrações de grande poder arquitetónico.

Não actual politica alemã, Munique é das cidades de maior celebridade.

Foi aqui que Hitler, no pequeno restaurante «Nürnberg» perto da «Königsplatz» em «Marienplatz», nasceu a idéia hitleriana. Era aqui que se encontrava o «Braune Haus» (Casa Castanha) sede dos Nacionalistas e o «Engländer Garten», o «Feldherrnhalle», monumento que encerra as túmulos dos generalissimos católicos Tilly e Wallenstein, vencedores das lutas contra o rei protestante da Suécia, Gustavo Adolfo, e onde se deu a batalha no célebre «Putsch», de Hitler.

A cidade tem o seu «quê» de interessante e característico.

São os curtos e altos edifícios? As inúmeras casas de cerveja? As imagens religiosas que existem, constantemente iluminadas, nos restaurantes e hotéis?

Não sei. Mesmo, surge-me de uma forma bem diversa das outras cidades.

Nas ruas e nos restaurantes encontram-se padres e religiosas; os sinus das igrejas somem e repicam, e até aqui, na Alemanha, ainda não tinha ouvido um sino nem contemplado, com as suas vestes próprias, um padre ou uma freira.

O grande movimento da cidade resume-se a duas ou três ruas: Neuschwanstr, Brienerstr. e a poucas mais.

Na primeira predominam os grandes estabelecimentos e o luxo dos habitantes de Munique; na segunda os entusiastas do Partido e os estrangeiros que vão admirar ou visitar a «Braune Haus» e os museus próximos.

O movimento nas restantes ruas é instantaneamente interior ao daquelas.

Cerveja, mais cerveja, cerveja por toda a parte. Há estabelecimentos enormes em que a venda principia, para não dizer a única, e se dá, em grande escala, a cerveja.

O «Holbräuhaus», a mais importante casa de vendedores de vinho, desenvolvido, tem a sua casa, que é um traço de originalidade, em v. Munique.

cada uma delas, deve comportar mais de três mil pessoas. Bebe-se cerveja de manhã à noite; experimenta-se remédios de tonéis da preciosa bebida. A qualquer hora do dia ou da noite é difícil encontrar lugar nesta formidável cervejaria.

E interessante observar o contraste que se verifica entre os «dancings», e as cervejarias. As primeiras são desleznas enquanto as segundas abarrotam de gente.

Homens e mulheres bebem à portia, chegando a ingerir, quer uns, quer outras, três litros do alourado líquido, em menos de duas horas.

No pagantismo destes ambientes oude o fumo do tabaco afivia e a cerveja embriaga, a imagem de Cristo crucificado, numa prodigiosa expressão mística de ternura e mágoa, assiste contemplativo aquelas festas que, para serem verdadeiras, só lhe falta o vinho.

Ca fora, na rua, ao longo das paredes, cordões de verdura decoram os estabelecimentos, tal como se fossem premondo de festa próxima, enquanto o povo ostenta, orgulhosamente, em lapete, o «edelweiss», o distintivo bavaro, uma flor semelhante ao malmequer, que cresce e cresce nas regiões pouco acessíveis da rocha.

Os homens usam o «garnelendler», (calças de amarral trajo de categoria ou popular, composto de mal, calções e colete, com botados a meia, e chapéu com uma pena de trajo ou um pequeno penacho.

Os «dirndel», trajo da mulher, consta de blusa justa, saia cintada, confeccionada com tecidos leves, e flores estamadas, e vulgarmente nas cores roxa, verde e amarelo. O chapéu é quasi identico ao dos homens e decorado com o diles.

Estes trajos, característicos desta parte

da Alemanha, têm, por vezes, no homem, o seu quê de comididade e de ridículo: o sechör pardo e barrigudo que de calções, passava pelas ruas da cidade mostrando um palmo das pernas cabeludas; o cantor que, encarrilhando num escadote, avia as côres de uma taboleta e mostra os joelhos salpicados e muitos outros que, a enumerá-los, não findaria em dez dias.

A dança regional mais interessante é a «Schulplattler», idêntica, pelo ritmo e sapateado, ao nosso «Vira da Feira» ou «Estadalinho do Alcarvez», balados alegres e animados que o povo acolhe com entusiasmo e o estrangeiro admira com interesse.

Sábado, domingo, A Bayerstr, Seidstr, Arnulfer e Bahnhoplitz, as ruas que circundam a estação do caminho de ferro, têm um movimento desaxado. É um nunca acabar de gente que se dirige à «Haupt-Bahnhof»; em busca de um comboio que a leve para as montanhas, que a transporte a Scharler, Oberammergau Oberrandorf ou Immenstadt, que a leve a praticar alpinismo, a subir e a descer as escarpas ou a equilibrar-se nas fragatas da rocha.

E vê-los caminhar, os bavaros, bonetas, mulheres e crianças, curvados sob o peso da mochila, apertados com pá e picaretas, sem esquecerem uma fiamula com uma pena de trajo ou um pequeno penacho.

E vê-los caminhar, os bavaros, bonetas, mulheres e crianças, curvados sob o peso da mochila, apertados com pá e picaretas, sem esquecerem uma fiamula com uma pena de trajo ou um pequeno penacho.

Um dos criados do restaurante X, na Bayerstr, veio inadvertidamente jantar, em, de princípio, certa humilhação em responder à pergunta que lhe faço — como, vê a sua classe o movimento hitleriano?

Os seus recios desvanecem-se perante

a certeza da minha identidade e uma noite em que eu estava em francês, diem: — «Hitler é est. He plus grand homme que est devenu en Allemagne!»

«Não exagera?» — «E porque o senhor desconhece como a Alemanha caminha e como, agora as coisas vão andando.»

— Não é, entretanto, isso que se diz... — Sim, porque nós desejamos tal. Fale com quem quiser, assim como o fez comigo; verá como ouve dizer o mesmo... — E... a noite desaparece entre o fumo de um cigarro, um copo de cerveja e optimos números de variedades no grande «Café Lutpold».

A «Braune-Haus», a sede «nazis», o epíscopo do Partido Nacional Socialista, foi instalado depois de grandes modificações, no antigo palacio Barlow, pertença no século passado, da embaixada italiana.

Ca fora, junto à porta, duas amoladas gradeadas simbolizam a cruz gamada, um miliciano, um «nazis» da S. S. ergue o braço direito, bate, com energia, os calcatinhos e sáida-me com um «Heil Hitler! victory».

Respondido à minha interrogação e indicado-me das cautadas sentados ao fundo do corredor, na entrada, junto de uma secretária.

«Pretendo falar a Rudolf Hoffmann, da secção de imprensa. Pedem-me que aguardo uns instantes. Aprovecho o tempo observando o lindo «hall» cujo chão, em mosaicos de mármore, têm a cruz gamada, como motivo de desenho.

Num dos lados, à esquerda, uma dezena de bandeiras e fiamulas com o distintivo do Partido. Uma delas está róta e a cor, balida pelo sol e pela chuva, distingue-se do resto.

Nem por isso, entretanto, é a menção estimada os «nazis». Querem-he até mais do que a qualquer e r outra; apresentam-lhe uma cantina onde os milicianos, onde todos os «nazis», podem mais economicamente, obter as suas referções.

Sat. No «hall», da entrada continua o vai-vem inintermitente, constante, de gente que vai a «Braune-Haus», em busca de informes, satisfazer a sua curiosidade do fariseu, estasiar-se diante daquela aglomeração de bandeiras «nazis», diante daquela Casa de que o povo alemão despende de que a Alemanha inteira aguarda as ordens.

como a primeira bandeira de Hitler. Subiu ao primeiro andar, e o andar nobre, o dos grandes chefes hitlerianos.

Em frente à escadaria atarepada, dois pendões, encimados por uma águia e com a inscrição «Deutschland erwache» hiedam a porta da «Schauhaus» onde se reunem os vários chefes «nazis», e discutem os assuntos que interessam ao Partido. A sua decoração é moderna e simples, da autoria de Adolfo Hitler, uma rectangular, rodeada de cômodos solis em percaliza vermelha, encimado por alívio relievos representando uma águia pousada, de asas abertas, sobre a cruz hitleriana.

Duas secretárias hitlerianas estão, cá fora, ao lado de outra porta, daquela que dá ingresso aos gabinetes de Hitler, de Hess, dos «führers». Ricos uns, modestos outros, mais elegantes todos.

Subiu ao outro andar. Mais gabinetes de figuras eminentes e, ente as diversas secções, está a da Imprensa onde dão aosoleiros os jornais e revistas de todo o Mundo e assinadas, com especial interesse, as notícias breves da actual situação politica alemã.

Nos meus convívios soam vozes de comando. Assomo-me a uma das janelas que dá para o belo parque da «Braune-Haus». Alguns homens de S. A. que, dentro de um pouco, irão reunir os seus camaradas da guarda à «Casa Castanha», fazem exercícios.

Desci, dando cotião fúndia a visita à grande sede Nacional Socialista e entro ainda, numa extensa galeria enviaçada onde umas dezenas de empregados trabalham às secretárias — secção de filiação e identidade dos associados.

É para que nada falte ao seu caso, centro onde se pugna por um ideal, Hitler fundou uma cantina onde os milicianos, onde todos os «nazis», podem mais economicamente, obter as suas referções.

Sat. No «hall», da entrada continua o vai-vem inintermitente, constante, de gente que vai a «Braune-Haus», em busca de informes, satisfazer a sua curiosidade do fariseu, estasiar-se diante daquela aglomeração de bandeiras «nazis», diante daquela Casa de que o povo alemão despende de que a Alemanha inteira aguarda as ordens.



«Hofbräuhaus»
O «Hofbräuhaus»
em Munique

«Hofbräuhaus»
O «Hofbräuhaus»
em Munique

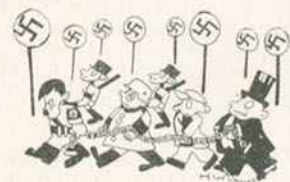
Munique, Setembro 1933.

Um concurso original



Em Chicago — estas coisas só são possíveis e realizáveis na América do Norte — efectuou-se um original «Concurso de Beijos». Ao fim de três horas, os vinte e oito pares concorrentes, estavam reduzidos aos seis que se vêem na gravura. O concurso foi ganho pelo quarto par, a contar de cima. Convém esclarecer que entre os pares existia uma barreira... Que mais «americanices» nos dará a América do Norte? Até fez do beijo objecto para estabelecer «record» — o «record» do beijo prolongado... Só na fria e artificial América do Norte...

A graça alheia



O TRIUNFO: HITLER: — DESTA VEZ DÓAM LÁ QUE NÃO TENHO O PAÍS TODO ATRÁS DE MIM...

PELO MUNDO FÓRA

A Conferência Internacional de Trigo



Em Londres reuniu recentemente a Conferência Internacional de Trigo. Os representantes de vinte e oito nações da Europa e da América, estabeleceram uma acalorada discussão, na «Canadá House», que durou seis dias. Parece ter-se chegado a um acôrdo sobre esse cereal, acôrdo vantajoso não só para os países produtores como para os que são só consumidores.

O julgamento dos incendiários do Reichstag



O mundo inteiro tem a sua atenção, há quasi um mês, no julgamento, que se está efectuando em Leipzig, dos incendiários do Reichstag. A gravura que publicamos acima, mostra-nos o momento em que o acusado Dimitroff está sendo interrogado. Em baixo inserimos os retratos dos cinco réus: Basilio Constantino Tanev, Blagoi Siminov Copov, Jorge Dimitroff, o comunista alemão Ernest Torgler e Marinus van der Lubbe, o misterioso holandês que confessou o crime porque está respondendo.

Morte duma acrobata



A artista chinesa Juki Kaitto — componente duma *troupe* chinesa que está trabalhando no circo de Price, de Madrid, foi vítima dum desastre durante um dos treinos. Uma das cordas do trapézio rebentou e a pobre rapariga — deses seis anos apenas — veiu estatelar-se no solo. O seu funeral constituiu um grande acontecimento na capital espanhola. Na própria noite do funeral, os pais e irmãos da infeliz acrobata, trabalharam como se tal acidente não se tivesse dado.

Um caso de fecundidade



No hospital de Zaragoza, em Espanha, uma mulher de nome Maria Artal, de 40 anos de idade, deu à luz duas raparigas e um rapaz, dum só parto. São todos robustos e a mãe está perfeitamente bem. É um caso extraordinário de fecundidade que os médicos têm observado com admiração. O pai é um simples ferro-viário.

A graça alheia



UM ACORDO: «ENTRE O PAPE E HITLER HOUE UM ENTENDIMENTO PARA A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA».



A travessia da Mancha



DESDE 1930 que a travessia a nado do canal da Mancha não era feita com a «performance» com que Sunny Lowry a acaba de realizar. Fez o percurso em 15 horas e 45 minutos. A nossa gravura mostra-nos a jovem desportista, que conta 23 risonhas e bem tratadas primaveras, no momento de chegar a Douvres.

A Alemanha arma-se...



NA Feira de Leipzig estiveram expostos, em plena praça pública, vários modelos de bombas próprias para serem lançadas de aviões. Sobre os seus efeitos há um «placard» que os explica. Diz, por exemplo, que uma delas é capaz de destruir um quarteirão inteiro de prédios. Não só esta exposição, mas outros acontecimentos recentes, vêm dar motivo para ser lido com atenção o livro há dias publicado, em português, com o título «A destruição de Paris em 1936», onde se relata o que será uma futura guerra aérea.

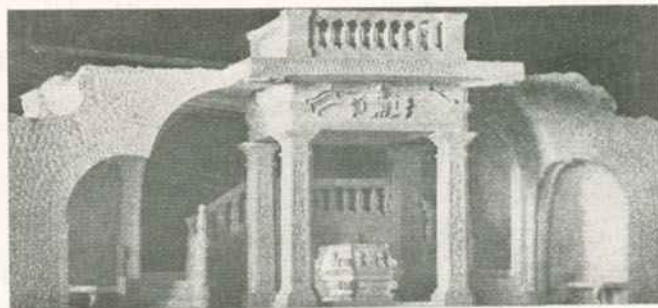
PELO MUNDO FÓRA

A Alemanha abandonou a S. D. N.



Foi o caso mundial da quinzena: a Alemanha abandonou inesperadamente a Conferência do Desarmamento e a S. D. N. Os aliados não quiseram conceder-lhe igualdade de direitos e o governo do Reich, na impossibilidade de se chegar a acôrdo, em virtude da coligação franco-anglo-americana tomou essa decisão. Para reforçar a sua atitude, foi dissolvido o Reichstag e foram convocadas novas eleições. Hitler, sobre êsses acontecimentos sensacionais, pronunciou, através de tôdas as emissoras alemãs, um discurso que deixou perplexo o mundo, em vista dos seus propósitos de paz...

Um monumento a Blasco Ibañez



EM Valência, iniciaram-se as obras dum grande mausoléu onde serão guardadas as cinzas do grande escritor espanhol Blasco Ibañez. É um monumento grandioso, como se vê pela *maquette* que publicamos.

O novo governo espanhol



NA gravatura que em cima inserimos, vê-se o novo governo espanhol de concentração republicana, que, presidido pelo sr. Diego Martinez Barrios, tomou posse há dias. Para a sua organização foi necessário decretar-se a dissolução do Parlamento e convocarem-se novas eleições. Do ministério Lerroux, que teve dias de vida, só transitou o titular da pasta dos estrangeiros sr. Sanches Albornoz, que há semanas passou em Lisboa, vindo da Argentina.

Morte de Annie Besant



ANNIE Besant — nome conhecidoíssimo no meio mundial teosófico — acaba de falecer em Adgar (Madras), com a idade de 86 anos. Deixa numerosas obras sobre teosofia e era presidente da Associação Teosófica.

Os veteranos de 1870



EM Montmartre, no coração de Paris, e sob a organização de mademoiselle Duchoiselle, reuniram-se os combatentes de 1870. Houve discursos curiosíssimos. O mais velho assistente tinha 101 anos e o mais novo 86.

Telescópio monstro



NA Califórnia — estas coisas só na América sucedem — construiu-se o telescópio maior do mundo. Está montado num automóvel para poder ser transportado com facilidade.



Claudette Colbert no papel de Pópcia, a Imperatriz Romana

seguições aos cristãos. Uma trágica história de amor ligada entre si as cenas terríveis e grandiosas das orgias de foma moribunda.

É curioso saber que este filme se inspira nos breves dizeres dum túmulo descoberto há alguns anos quando se procedia ao assentimento dos alicerces da filial dum Banco norte-americano em Roma. Diz a legenda gravada na face superior do túmulo que nele repousam os restos de Marcus Superbus e sua noiva Mercia que um grande amor uniu na vida e nada pôde separar na morte.

Roma vivia nesse tempo sob o domínio de Nero, despota orgulhoso e cruel. A decadência do grande Império começava a manifestar-se pela dissolução dos costumes e pela indolência

CADA realizador tem o seu estilo próprio, a sua maneira especial de encarar a realização cinematográfica, e muitos deles devem a esse facto a sua celebridade.

Cecil B. De Mille é um dos realizadores cinematográficos mais admirados em Portugal. Pode afirmar-se que o seu nome num cartaz valoriza um programa, tanto como o de qualquer «estrela» conhecida.

Esta admiração por De Mille provém do facto de todos os seus filmes nos oferecerem o espectáculo curioso e atraente dum mesmo estilo. De Mille é um apaixonado pelas grandes reconstituições históricas, em que fulguram jóias e tecidos preciosos, por onde percorram cortesãs faustosas e escravos nus. Comparar-se na movimentação de grandes massas de figurantes evoluindo entre cenários evocativos das grandezas de tempos idos. E faz tudo isto com um conhecimento perfeito das exigências do público e do cinema.

Não é um artista na expressão mais elevada do termo. É antes um hábil industrial, que organiza os seus produtos de modo a satisfazer o consumidor. Não tem a subtilidade e espiritualidade dum René Clair, os dons de observação profunda dum Ruben Mamoulian, nem o realismo genial dum Stroheim. Mas é um realizador equilibrado em que só se pode apontar uma paixão — o culto do grandioso.

Esta apreciação não pretende diminuir-lhe o valor, provado em obras dum tão perfeita factura como «O Rei dos Reis». Visa apenas definir a personalidade do realizador de «O Sinal da Cruz», belo fonónimo de «Paramount» que está destinado a constituir um dos mais sensacionais êxitos da presente temporada.

«O Sinal da Cruz» é a reconstituição de Roma nos tempos de Nero. A sumptuosidade bárbara alia-se neste filme ao espectáculo cruel das per-

geral. O próprio imperador dava o exemplo passando à noite em orgias, fazendo-se transportar de cama para o trono e daí para o circo sem dar um passo, indolente e cruel, dominado por crises de loucura periódicas que deixavam a sua volta um longo rastro de sangue.

O seu melhor divertimento era o circo. Deliciava-se em observar através da sua famosa esmeralda os combates dos gladiadores, a agonia dos vencidos, a tortura dos condenados. Vinham de todos os pontos do Império colossais atletas destinados a tomar parte nas lutas mortais com que o povo saciava os seus instintos ferozes. As expedições, que percorriam a África, o norte da Europa, o Egipto e chegavam à Índia, traziam consigo no regresso carregamentos de feras, leões africanos, tigres da península indostânica, crocodilos e elefantes. E com estes as suas vítimas, pobres prisioneiros de guerra destinados a ser chacinados para regozijo do povo romano e do seu imperador.

Havia algum tempo que um novo divertimento viera juntar-se a estes. Era o martirio dos cristãos, gente simples de aspecto modesto, cuja morte resignada e serena constituía uma variante que deliciava os espectadores do circo.

Nero, o imperador sanguinário, era dominado por uma mulher de rara beleza e coração impiedoso. Chamava-se Pópcia e era ela, na verdade, quem reinava sobre Roma através do espírito caprichoso do tirano.

Extensas caravanas percorriam o deserto para lhe trazer incenso, mirra, mirra, penas de avestruz e tecidos preciosos. Os legionários traziam-lhe gemas preciosas arrancadas aos ídolos indianos. Grupos de mergulhadores consumiam a vida pescando pérolas para a adornar. E todos os dias uma centena de escravos preparava na sua esplêndida piscina de mármore o banho de leite de burra e pétalas

de rosa indispensável à conservação da sua magnífica beleza.

Pópcia não amava Nero. Esse homem indolente, corpo flácido gasto pelas devassidões, não a interessava. E a sua cabeça linda e perversa sonhava com um homem rude e vigoroso, decidido e enérgico, que a dominasse com carícias fortes.

Ninguém reinava melhor essas condições do que Marcus Superbus, filho de Marcus Pompilius Victor, nomeado por Nero prefeito de Roma a despeito de ser ainda bastante jovem. Marcus Superbus tomara parte em várias campanhas. Lutara contra os bárbaros germânicos, perseguira no deserto os temíveis cavaleiros nômadas, avançara até ao limite dos mares boreais povoados de hálcias gigantescas e onde as vagas rolam na areia pedaços de precioso âmbar.

A sua nomeação para tão alto cargo acarretara-lhe grande número de invejas e inimizades. Mas o antigo legionário conservava ainda, no meio da indolência geral, uma energia rude e impetuosa que o faziam notado. O seu rosto expressivo, os seus músculos vigorosos, a sua configuração de perfeito atleta seduziam as mais belas mulheres da aristocracia romana que não perdiam oportunidade de lhe testemunhar o seu apreço.

Marcus Superbus, por sua vez, não era indiferente a estas manifestações de interesse e a sua reputação de conquistador galante era conhecida em toda a cidade.

Pópcia, a quem o belo prefeito não passava despercebido, tentou certo dia seduzi-lo. Com grande descepo seu tudo foi, porém, vão. Marcus Superbus não mostrava interesse pela poderosa e linda mulher que dominava César e por intermédio dele todo o Império romano.

A verdade é que Marcus estava loucamente apaixonado por uma rapariga do povo que se chamava Mercia. Certa manhã passava ele na via Maxima quando deparou com um grupo de esbirros que acusavam dois velhos de cristãos. Uma rapariga interpusera-se entre os acusadores e as suas vítimas. Sem saber bem o que fazia, Marcus Superbus desceu do seu carro, libertara os dois velhos e tendo salido o nome da jovem, obteve que ela lhe marcasse uma entrevista.

O amor de Marcus e Mercia desenvolveu-se rapidamente. Mas um perigo terrível os esperava. Mercia era cristã, Tigellinus, antigo favorito de Nero não o ignorava e os seus espíões conseguiram prender o irmão mais novo de Mercia que, submetido a horríveis torturas, revelou o local onde os cristãos se reuniam para celebrar os seus ritos.

Era tudo quanto os espíões precisavam saber. No dia seguinte o local era cercado e Mercia e os seus companheiros de fé encarcerados. Prevenido a tempo do que se planeava Marcus acorreu no desejo de salvar a sua amada. Mas ao voltar uma esquina o seu carro fez tombar a liteira de Pópcia e enquanto esta lhe censurava ironicamente o facto, os esbirros de Tigellinus cumpriam a sua missão.

Marcus Superbus chegou tarde e nada mais pôde fazer do que facilitar a fuga de Mercia a

CINEMA

O Imperio Romano evocado no "écran"

Um filme grandioso de Cecil B. de Mille

quem ocultou no seu palácio. Mas os espíões não tardaram a saber do facto e no decorso duma festa os soldados vieram arrebatá-la a jovem que lhe tanto amava.

Só abjurando as suas crenças Mercia se poderia salvar. Mas não o quis fazer. Sem ignorar o terrível destino que a aguardava mostrou-se até ao fim serena e tranquila.

Dias depois os jogos do circo romano incluíam um número de sensação. O belo prefeito de Roma, desarmado, entrava no circo, ante os olhos ávidos da multidão alucinada, sustendo nos seus braços uma linda jovem cristã. Tudo se passou num momento rápido e terrível. Os dois amantes jaziam no chão, despedaçados pelas fauces sangrentas dum leão africano.

Foi Pópcia quem ordenou que os restos de Marcus e Mercia, fossem sepultados num mesmo túmulo que ela própria mandou lavar em mármore, para que a memória desse imenso amor servisse de exemplo à humanidade.

E a pele do leão, algoz inconsciente dos dois amantes, foi servir de tapete para a linda e perversa Pópcia.

Tal é a história que serviu a Cecil B. de Mille para ilustrar essa época esplendorosa e fútil da decadência romana.

Pópcia é encarnada neste filme por Claudette Colbert que interpreta assim o primeiro papel de *ramp* da sua carreira. Quanto a Mercia é a linda actriz Elisa Landi, sobrinha da imperatriz Isabel da Austria e escritora de grande renome nos Estados Unidos, que o público português vai decerto apreciar como merece.

Nero é interpretado pelo actor inglês Charles Laughton, a quem a crítica estrangeira se referiu com louvores.

Dêle se pode dizer que realiza a encarnação ideal dessa figura sinistra que pertence tanto à história como à lenda. O grande actor, que ainda há pouco admirámos no emprego de escriptorio de «Se eu tivesse um milhão», evoca maravilhosamente esse homem que foi um monstro e cujos crimes ainda hoje, quasi vinte séculos

decorridos, enchem o Mundo de espanto. O seu trabalho de adaptação a tão complexo personagem é admirável. Diz-se-ia que o grande actor conseguiu revestir-se dessa obsessão flácida em que a tradição retratou o César louco e brutal, e que soube imprimir a cada um dos seus gestos o estigma das paixões torvas e violentas que se debatiam no cérebro do tirano.

O Nero de Charles Laughton é, pois uma criação destinada a fixar na imaginação dos homens da nossa época a figura do despota que incendiou Roma para buscar inspiração para as suas odas de poeta megalómano. Depois de ver «O Sinal da Cruz» só será possível evocar Nero sob as formas de que o revestiu Laughton, digno émulo de Emil Jannings.

Finalmente, o papel de Marcus Superbus foi confiado ao grande artista Frederic March, o extraordinário intérprete de «O médico e o monstro», que pela sua grande beleza física e incontestáveis qualidades de actor nos dá na figura do protagonista uma admirável criação.

Não deixará, por certo, de se estabelecer o paralelo entre Marcus Superbus e Ben Hur, isto é, entre Frederic March e Ramon Novarro. E as conclusões a tirar desse paralelo não serão, estamos em crer, desfavoráveis ao jovem herói de «O Sinal da Cruz».

Um grave dificuldade se oferecia a De Mille para a cabal realização deste filme. Trata-se de facto dum grande produção histórica e convém acentuar que é a primeira a ser realizada dentro do cinema falado. As dificuldades de semelhante género de películas, que sempre foram grandes, acham-se consideravelmente acrescidas depois do advento do fonocinema. De facto, a circunstância de introduzir o diálogo na acção levanta delicadas problemas, que só podem ser resolvidos com grande tacto e um sentido exacto das proporções. Nero não pode usar uma linguagem clássica que o público dificilmente assimilaria. Mas não pode também cair no excesso contrário, isto é, empregar frases actuais e correntes que na sua boca assumiriam aspecto burlesco. A erer, porém, no que dizem os críticos estrangeiros. De Mille encontrou a solução num feliz meio termo. Os intérpretes falam uma linguagem corrente, sem ser trivial nem pretenciosa. Pode dizer-se que isso constitui um belo triunfo, que vem mostrar o único caminho a seguir em casos idênticos.

Além da versão original dialogada em inglês,



Mercia e Marcus Superbus, os dois amantes sacrificados no circo romano

fez-se deste filme outra em que os actores não *double* em língua francesa. Ignoramos qual se pretende exhibir em Portugal. Se a segunda oferece vantagens, visto o francês ser acessível a uma camada mais numerosa do nosso público, a verdade é que a versão original lhe é superior sob diversos aspectos. É este um dilema cuja resolução cabe aos distribuidores.

Quanto ao rigor da reconstituição histórica, há nela, sem dúvida pequenos erros ou deficiências. Apesar dos extraordinários meios materiais de que os norte-americanos rodeiam a sua produção torna-se difícil reconstituir exactamente, nas suas mais pequenas minúcias, uma época tão remota. Tal como se fez estamos, porém certos de que satisfará as exigências do público que procura no cinema um espectáculo emocionante, sem preocupações de investigador arqueólogo.

Pela grandiosidade da reconstituição em que as cenas faustosas alternam com os terríveis espectáculos do circo, «O Sinal da Cruz» está decerto destinado a ocupar lugar de destaque entre as produções que serão exibidas durante a época corrente.

O público vai fazer decerto um belo acolhimento a esta grande produção bíblica em que o autor de «Dez Mandamentos», de «O Rei dos Reis», de «Homicídios», e de tantos outros belos filmes, revela mais uma vez as suas raras faculdades de grande animador que se compraz na movimentação de enormes massas de figurantes, na evocação dos faustos antigos e das grandezas passadas. Roma vai pois surgir no «écran» em toda a sua espantosa loucura e grandiosidade. «O Sinal da Cruz» será o primeiro grande filme em que essa evocação se faz e isso mais agraça o apetite de todos os bons cinefílos.

A par desta aparatosa encenação, o filme de De Mille contém cenas de emocionante realismo.



Uma emocionante cena entre Nero, Marcus Superbus e Pópcia

C I N E M A

UMA INOVAÇÃO
CURIOSA

VEM da América a notícia de ter sido ali realizado um filme que vai revolucionar os antigos métodos de desenvolvimento da acção e "découpage".

Chama-se essa audaciosa obra "Thomas Garner", e foi posta em cena pelo conhecido realizador William Howard.

A originalidade da obra consiste no modo por que a história é relatada. Depois dum enterro, o secretário do falecido conta a sua mulher o que foi a existência do seu patrão. Mas a sua descrição segue ao acaso das recordações, sem obedecer a uma ordem cronológica rigorosa.

Assim, o filme, que começa na actualidade, leva-nos, guiados por uma evocação, a 1903. Éste processo nada tem, afinal, de novo. Mas em "Thomas Garner", repete-se mais de dez vezes no decurso do filme e, como dissemos, sem que os acontecimentos se sucedam pela sua ordem no tempo. De 1903, volta-se a 1933 para se evocar depois 1915, etc. Claro está que sucessão destas evocações não foi deixada ao acaso. Segue, pelo contrário, um ritmo cheio de equilíbrio.

O realizador pretende provar, com esta original concepção, que a ordem cronológica não é indispensável á boa compreensão duma obra cinematográfica.

Outra novidade que este filme nos oferecerá é a de apresentar em algumas ocasiões, imagens mudas, que a voz do secretário, que conta a história, comenta.

Uma das cenas mais felizes é aquela em que Thomas Garner decide, cheio de timidez, declarar o seu amor a uma linda professora de aldeia durante um passeio pela montanha. As personagens não falam mas a voz do secretário vai relatando os incidentes que o espectador vê. Cada vez que o par amoroso se detem a admirar a paisagem, Thomas Garner pretende falar mas a sua timidez não lho consente. Lá mais acima terá coragem... E assim vão subindo até que chegam esfalfados ao cume da montanha. Só então o apaixonado se resolve. Os personagens retomam a sua voz e Thomas Garner formula a sua declaração para ouvir responder:

— E não me podia ter dito isso... lá em baixo?

Tôda a evocação dos diversos períodos da vida do herói do filme é feita deste modo. E o resultado, que é sem dúvida inédito, agradou imenso aos críticos estrangeiros que sobre ele se pronunciaram.

Vai começar nos estúdios da «Universal» a realização dum filme fantástico sobre a vida no planeta Marte, assunto que tentou já um bom número de novelistas.

Chama-se «Uma viagem a Marte» e apresentar-nos-á a vida marciana sob aspectos monstruosos que vão requerer um difícil trabalho de encenação.

O argumento é de R. C. Sheriff, o admirado autor de «A última jornada». Boris Karloff interpretará o papel de monstro planetário.

Diz-se que muitas actrizes do cinema têm recusado tentadoras ofertas dos organizadores de emissões radiofónicas, atormentadas pelo receio de desagradar aos seus auditores e prejudicar, assim, a sua popularidade.

Greta Garbo teria, por este motivo, segundo se afirma, declinado um convite para comparecer durante 20 minutos em frente do microfone duma importante estação emissora, desprezando, deste modo, a impressionante quantia de 2.000 libras.

É conhecida a curiosa e agitada existência de Pancho Villa, o conhecido caudilho revolucionário mexicano. A «Metro» resolveu extrair da sua biografia um animado filme que terá o título de «Viva Villa!». É o próprio filho do famoso gene-

ral mexicano que interpretará as primeiras cenas em que se relata a mocidade do audacioso agitador político. Será substituído no decurso da acção por Wallace Beery que personificará Villa na idade adulta.

Emil Ludwig, o eminente historiador alemão, foi contratado pela «Warner Bros» para superintender na realização de «Napoleão», um filme sobre a carreira do grande imperador francês que abrange a época mais gloriosa da sua existência.

O papel de Bonaparte será interpretado pelo grande actor do cinema americano Edward G. Robinson.

O célebre rato Mickey vai figurar no elenco do filme «Hollywood Party», espécie de revista da «Metro» em que figuram vinte «estrelas» das mais conhecidas do «écran».

John Whitney e Cornelius Vanderbilt, herdeiros de duas das maiores fortunas da América, chegaram há pouco mais de seis meses a Hollywood, onde se têm interessado pela produção dos filmes em cores naturais.

Os dois jovens milionários anunciam agora a intenção de produzir filmes e propõem-se imprimir às suas obras um elevado cunho intelectual.

O primeiro filme a realizar baseia-se na vida de Johann Strauss e será realizado a cores pelos processos mais aperfeiçoados.

Não é esta a primeira vez que jovens argentinos norte-americanos se deixam seduzir pelo cinema. Citemos, como exemplo, Howard Hughes, o produtor de «Anjos do Inferno» que, a despeito do seu desconhecimento dos métodos industriais do cinema, soube fazer um rendoso negócio desse filme, em que empenhou quatro milhões de dolares.

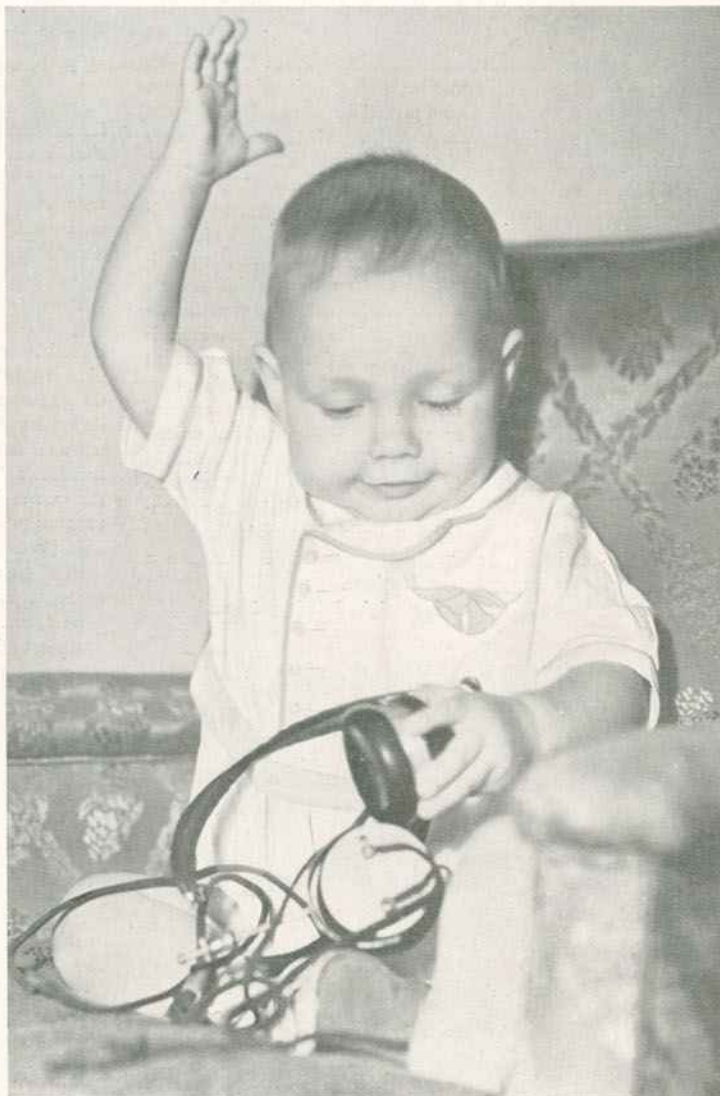
Ramon Novarro tem uma irmã, circunstância que muitos dos nossos leitores talvez desconhecessem.

Essa irmã, que se chama Carmela Novarro, vai fazer a sua estreia no fonocinema, interpretando um papel numa produção da «Fox» intitulada «Conquistador» que será dialogada em espanhol.

Cecil B. de Mille vai realizar um filme exótico nas ilhas Hawaí, que terá o título original de «Quatro pessoas amedrontadas».

O célebre realizador foi, porém, forçado a adiar a sua partida para as conhecidas ilhas do Pacífico em virtude de ter adolecido com um ataque de apendicite aguda a famosa «estrela» Claudette Colbert que, neste filme, devia representar um dos papéis principais.

Claudette será substituída e a partida da expedição cinematográfica deve realizar-se logo que a vaga seja preenchida.



Bébe Le Roy, o admirável companheiro de Chevalier em «Beijos para todos»

João de Barros



O nome de João de Barros, quer como poeta quer como prosador, não necessita adjectivos. O seu último trabalho agora publicado é a adaptação do célebre poema «Odisséia» de Homero para português. É uma obra que há de ficar nas estantes e que honra o seu autor. Dedicado à mocidade e ao povo, bem merece o acolhimento que o público lhe está dando. «Odisséia» apresenta-se com interessantes ilustrações do conhecido artista Martins Barata.

Ferreira de Castro



Ferreira de Castro pertence à nossa melhor pleiade de literatos. Figura, mesmo, à sua cabeça. O seu romance *A Selva* — cuja 3ª edição acaba de vir a lume e que está já traduzido em alemão, russo, italiano e que brevemente se-lo-há em espanhol — é, talvez o seu melhor livro. Obra que respalda sensibilidade e que tem admiráveis páginas descritivas do sertão, ficará na literatura portuguesa como padrão duma época e duma geração.

António de Aragão Paiva



O português que nunca visitou a nossa África começa a ter conhecimento da sua vida através da literatura. Entre as últimas obras, onde se descreve o que por lá se passa, figura o livro «Terras do nu e do baque» de António de Aragão Paiva, que se revela um escritor vigoroso, observador e cheio de interesse.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Uma homenagem ao coronel-aviador Cifka Duarte



O ministro da Polónia em Lisboa, em nome do governo do seu país, entregou ao sr. coronel Cifka Duarte, Inspector da Aeronautica Militar, a comenda da Ordem da Polónia Restituída, pelos serviços prestados por aquele oficial-aviador, quando do desastre na ilha Graciosa de que foi vítima o heroico aviador polaco Idzikowski.

No regimento de Infantaria 14, de Viseu



Deixou recentemente o comando do regimento de Infantaria 14, de Viseu, o tenente-coronel do Estado-Maior sr. Barreto de Oliveira, que exerceu aquele cargo para efeitos da promoção a coronel e que veio reassumir as funções de professor da Escola Militar. Ao deixar o comando de Infantaria 14, foi aquele oficial homenageado por todos os seus antigos subordinados que inauguraram o seu retrato na sala da Biblioteca. A nossa gravura mostra o sr. tenente-coronel Barreto de Oliveira rodeado pela oficialidade do regimento.

A diplomacia portuguesa



Devido à sua colocação em Oslo, como ministro de Portugal, o sr. dr. Ferreira de Almeida teve em Santiago do Chile, onde exerceu idênticas funções, várias festas de despedida, tendo sido alvo de muitas manifestações de afecto. A colónia portuguesa no Chile, que é numerosa, ofereceu-lhe um chá a que assistiu todo o corpo diplomático acreditado naquele país.

Cristino da Silva



No concurso para professor da cadeira de arquitectura da Escola de Belas Artes, a que concorreram os arquitectos Carlos Ramos, Cassiano Branco, Paulino Montez e Ribeiro Cristino da Silva, foi classificado este último. Trata-se dum artista já conhecido e de nome, arquitecto da Câmara Municipal e que é o autor dum admirável projecto de urbanização do Parque Eduardo VII. Obteve o 2.º prémio no concurso do monumento aos mortos da guerra, o primeiro no da urbanização da cidade de Leiria e o primeiro no do Liceu da Infanta D. Maria, de Coimbra.

Alves da Cunha



Alves da Cunha — incontestavelmente o primeiro actor da sua geração — reapareceu ao público de Lisboa no Teatro Nacional, onde o seu nome glorioso de há muito devia figurar. O seu desempenho do papel de «D. Afonso VI», na primorosa peça de D. João da Câmara, tem sido aplaudido e elogiado por toda a crítica. O seu reaparecimento no palco do teatro de Garrett, foi um acontecimento digno de nota, neste início da temporada de inverno.

Fernando Pamplona



Fernando Pamplona, nome que deve estar na lembrança dos nossos leitores, pois, principalmente como novelista, colaborou em tempos, com bastante assiduidade e brilho, na «Ilustração», acaba de dar a lume um pequeno trabalho literário de carácter erudito, uma série de breves ensaios subordinados ao título de «Montaigne e Portugal» que é o do primeiro dos referidos estudos.



O francês Journu venceu em Cascais o Campeonato Internacional e...

O football português tem andado a contos com um complicado caso administrativo que quasi se transformou num gravissimo conflito. A origem do litigio residiu na situação irregular, — incontestavelmente irregular digam o que disserem a entidades interessadas ou partidarias, — dos clubes barreirense na Associação de Lisboa. Pertencendo em verdade ao distrito de Setúbal, as duas agremiações usurparam no torneio da capital dois lugares que lhe não pertenciam, nem haviam conquistado por via legal. A Federação decidiu, num Congresso, que elles regressassem á procedencia; a Associação lisboeta discordou, discutiu, recorreu para os poderes administrativos, proclamou a rebeldia e se a não efectivou, deve-se unicamente ao bom senso e á prudencia dos clubes seus legitimos filiados.

Mas de todos os incidentes pitorescos e atitudes extranhas verificadas no decurso deste malfadado conflito, nada mais curioso de registar como simbolo característico da mentalidade da epoca, do que o voto do director barreirense em reunião da A. F. L. decidindo a seu proprio favor um pleito que podia arrastar á mais lamentavel situação o football português e, sobretudo, as colectividades lisboetas.

Arrumado por esta forma o assunto dentro da jurisprudencia desportiva, que para prestígio dos dirigentes devia ser a unica a intervir, annunciou-se finalmente o começo do campeonato, com a inscrição reduzida aos oito clubes "alfacinhas.. Mas a engrenagem estava em movimento, e não foi possível travá-la tão de repente; o bom senso chegou tarde e não chegou a todos!

Temos, em conclusão, e como resultado de trinta anos de propaganda desportiva, um campeonato suspenso á ordem da autoridade administrativa até decisão do respectivo tribunal.

Muito deve pesar a consciencia de certos dirigentes, se por acaso a costumam interrogar acerca dos seus actos desportivos!

Para maior infelicidade coincide toda esta embrulhada com uma epoca de maxima responsabilidade para o football português, que em Março proximo deve disputar com a Espanha o direito de participação no campeonato do mundo a realizar em Roma.

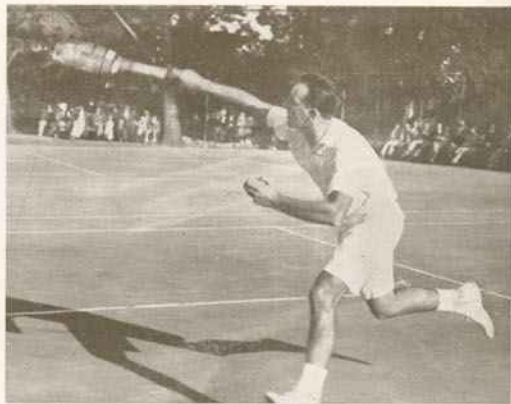
A Federação solicitara ás associações que despachassem o mais breve possível os seus torneios regionais, a fim de dispôr do tempo necessario á preparação do grupo nacional.

A resposta não pôde ser mais antagonica; nesta luta de egoismos e compromissos, quem pensa ainda nos interesses superiores do desporto lusitano, de uma consideração internacional conquistada á custa de muito brio dos seus representantes e alguns sacrificios dos seus orientadores?

Realizaram-se em Cascais os clássicos campeonatos de tennis, deles participando os melhores jogadores espanhóis e o joven tennista francês Journu. Estas palavras bastam para que os leitores imediatamente concluam quais foram os vencedores das provas.

O tennis é um desporto onde o nosso valor não alcança sequer a sufficiencia. Os melhores especialistas portugueses, ou são os homens de ha dez anos, ou são alguns novos com habilidade mas sem classe atlética para dominar as exigências de dispêndio de energia da moderna concepção do jogo. Por isso qualquer jogador estrangeiro, mais aguerrido e melhor preparado, chega para os destroçar.

Os visitantes deste ano estavam longe da primeira categoria internacional. Maier,



... o espanhol Maier triunfou na Torre de Hiena, batendo ambos todos os jogadores portugueses.

A QUINZENA O "tennis" Outro conflito A China e O corredor Ladoumègue

destacado na lista da classificação oficial de primeira categoria.

A superioridade nítida que estes dois elementos, bem como o outro espanhol, Tejada, afirmaram sobre os nossos compatriotas, não é portanto função de uma grande classe desportiva, e devemos conjugar-la também com a deficiente preparação física dos portugueses. Pode afirmar-se categoricamente que não existe um único atleta entre os jogadores de tennis nacionais, os quais todos limitam a sua preparação ao treino regular da especialidade; quando elles houverem descoberto a educação física e a preparação atlética, poderão fazer frente aos adversários de além fronteiras e conquistar uma categoria que por enquanto se não apercebe.

No mês de Julho findo disputaram-se em Tsing-Tao, a antiga possessão alemã no Extremo Oriente, os decimo-setimos campeonatos de atletismo da China. Não chegaram ainda até nós noticias dos resultados das provas, mas encontramos as magnificas fotografias que acompanham estas notas e nos permitem olhar com respeito o grande incremento tomado pelo desporto chinês.

As provas efectuaram-se num estadio construido propositadamente pela municipi-

DESPORTIVA em Cascais no "Football" o desporto está em grande forma

palidade local, no praso quasi inacreditavel de cincoenta dias, e podendo comportar vinte mil espectadores.

Embora não tenham igualado ainda a classe internacional dos seus vizinhos japoneses, os desportistas do Celeste Imperio progredem de ano para ano, aumentando paralelamente a popularidade dos jogos e competições desportivas.

Entre os estadios e as piscinas chinezas e europeas não existe diferença sensível; aproveitam as linhas da pitoresca arquitectura nacional, mas os pormenores técnicos são identicos, muito mais perfeitos até do que em alguns paises occidentais do nosso conhecimento.

O desporto feminino tomou consideravel desenvolvimento, enveredando pela prática das mais variadas modalidades com um êxito sempre crescente.

Nesta orientação moderna e civilizada do desporto subsiste contudo um ambiente chinês curioso, uma atmosfera de cor local, reminiscências das épocas remotas de uma China desaperceida, dos tempos em que a palavra desporto e a sua regulamentação eram desconhecidas, mas era obrigatória no império a prática da ginástica, e os Filhos do Céu recomendavam ao seu povo a prática do tiro ao alvo a pé e a cavallo, da esgrima de sabre e de lança, do box chinês, da luta, da atlética, etc.

Em Tsing-Tao o exercicio histórico é a brutal quebra á martelada, de grandes pedras colocadas sobre o peito ou as costas dos atletas mais robustos; e como este exercicio é sempre incluído no programa de todos os festivais desportivos actuais, estabelece um contraste frisante com a mobilidade e nobreza das provas atléticas contemporanias, definindo com exac-

ção a diferença de mentalidade das duas épocas e das duas civilizações.

Parece estabelecido que o famoso Ladoumègue nos forneça assunto para uma referencia em cada quinzena. Desta vez o caso é de monta, sendo extraordinario que nenhum jornalista português lhe tenha dado a importancia que merece.

No dia 9 de Outubro, aproveitando já da concessão especial que lhe fora feita pelas entidades officias do atletismo francês, o profissional Julio Ladoumègue alinhou na pista do Estadio Jean Bouin e percorreu três- Quartos de milha em menos de três minutos, batendo, embora officiosamente, o record do mundo que lhe pertencia. Foi a primeira vez na historia do atletismo universal, que um homem percorreu, três vezes a seguir, 402 m. em menos de um minuto

O tempo exacto do formidavel pedes-



Na China existem ginstas como esta e...

trianista foi 2m, 59s, 1/5, verificado por seis cronometros em mãos de pessoas competentes, tendo passado aos 500 m. em 1m, 13s, aos 800 m. em 1m, 57s, 2/5 e ao quilometro em 2m, 29s, 1/5.

Pelo confronto destes tempos com aquelles realizados em 1931 no match com o finlandês Purje em que estabeleceu o record official de 3m, 0s, 2/5, verifica-se que desta vez o andamento inicial



... estadios como este, onde se disputaram os campeonatos nacionais deste ano



Uma velha tradição atípica chinesa: sobre o peito dos homens quebram-se pedras — a martelada

foi menos rapido e mais regular, resultando benéfico para a "performance" final.

Um dos homens que alinhou com Ladoumègue e o ajudou na sua tentativa foi o amador Normand, considerado pelos tecnicos como a esperança francesa em distancias de meio-fundo; não consta que tenha sido casgado superiormente por este contacto impuro.

Aproveitando a forma em que se encontra, Ladoumègue, alinhou seis dias depois para tentar recuperar o record dos 1500 m., que o italiano Beccali lhe roubara. O proposito fallhou, mas o valor do homem não desmereceu, pois conseguiu 3m, 50s, 1/5, quinto tempo mundial na distancia e que apenas foi ultrapassado pelo proprio Ladoumègue em 1931, duas vezes por Beccali e uma vez por Lovelock.

A corrida foi organizada num festival com entradas pagas, revertendo o produto a favor da Caixa de Socorros aos Jornalistas Desportivos. Assistiram mais de 10.000 pessoas, e a receita foi de cincoenta e dois contos.

O público manifestou uma vez mais a sua simpatia ao atleta prestigioso, aureolado pela sua desclassificação com a coroa de vilita dos poderes officias, e deu largas ao seu sentimento de discordância pateando ruidosamente e apupando sem reservas, um dirigente da Federação de Atletismo que tivera a infeliz idea de comparecer na pista.

Perante o sucesso alcançado, anuncia-se a continuação periodica e regular das tentativas de Ladoumègue.

Salazar Carreira.

Os homens sempre andaram em guerra, por causa das mulheres. Os franceses, que em questão de galanteria dão leis ao mundo, como as dão nas artes e na literatura, dizem até a propósito de tudo e de nada: "Cherchez la femme".

No fundo de todas as questiúnculas, de todas as penas e de todas as alegrias, e mesmo de todas as infâmias, há sempre uma mulher, embora algumas vezes nem ela se dê conta da sua parte em tais catástrofes ou glórias. E digo "às vezes", porque a maior parte do tempo a mulher é a impulsionadora directa e consciênte do mal e do bem, sobretudo do primeiro. A história está cheia de factos a comprová-lo desde Cleópatra a Leonor Teles.

Magistrados e criminosos, reis e vagabundos, nenhum foge à graça coleante duma filha de Eva, quando a ela se lhe mete na cabeça deitá-los a perder ou erguê-los até às culmânias do poderio, segundo o seu capricho de ocasião.

Pobres diabos! Tão fortes, tão senhores de si, tão autoritários e tão manhosos, e afinal basta um sorriso de mulher para os entontecer, e logo um beijo os derruba por completo, transformando-os num farrapo.

Cantam os esplendores da beleza feminina, quando em maré de sorte nos seus "raids", pelo país de Citera, fustigam-na com as suas ironias e sarcasmos, se uma traição os fére; mas ficam sempre escravos da sua dona absoluta — a femea. Por ela, guerreiam, apontando metralhadoras ou enchendo quartos de papel.

Alguns vencem e passam por entre alas de povo em delírio de aclamações, outros acabam no exílio ou no cadafalso.

Se não fôsse Josefina Beauharnais, sabe-se lá se o pobre soldado corso teria revolucionado o mundo com as suas conquistas, para daí a pouco lhe dar o espectáculo da sua derrota definitiva.

Por causa duma mulher até outras mulheres sofrem, consolem-se, pois, os homens que são a sua presa predestinada.

Hoje mesmo correm rios de tinta pelas máquinas de impressão, para discutir se a mulher tem direito ou não à emancipação que persegue.

Alguns homens protestam indignados contra o seu exibicionismo plástico, por vezes descarado.

Outros acham bem, gostam, porque isso lhes refresca a vista e lhes faz sonhar próximas venturas.

O fumo do cigarro que se evola duns



Nem tanto... nem tão pouco

lábios carminados também parece entoxicar uns certos adões, enquanto outros se extasiam ao seguir-lhe os arabescos desenhados em volta de uma cabecita morena ou loira.

E qualquer das partes está convencida de que suprema razão lhe assiste e que é por ali o caminho direito, sem contestação possível.

E todos têm razão... mas não completamente, isso não.

Os que desejam que a mulher volte ao tempo da sáia-balão e das calcinhas até ao tornozelo exageram, na sua rabugice; os que seriam até pelo nú integral levam longe de mais os seus gulosos apetites, que é preciso refrear.

Que a mulher tem já direitos adquiridos a uma certa liberdade não há negá-lo e quem o fizer perde o seu latim.

Voltar ao passado de quási escravidão seria tolice do maior calibre.

Mas, lá porque a moda decreta um à vontade de exposição, não vale deitar as cuecas pela janela, como dantes se atirava o chapelinho, em assomos descabidos de independência.

A mulher até teria muito a ganhar, se fôsse mais comedida na sua generosidade exibicionista.

Mas vestir-se embrulhada dos pés à cabeça, também não.

Os rabugentos pecam por excesso de zêlo, os outros por demasiada transigência.

É preciso achar, para tudo, a medida justa, "le juste millieu", o que depende de muito tacto, e a mulher em geral deixa-se levar facilmente pela sua louca fantasia.

E, então, é ocasião de intervir no pleito o pai ou o marido. E, se êle souber marcar o limite exigido pelo bom senso sem descurar a elegância, não será "banana", nem "bota de elástico".

Que a mulher fume não vem daí mal ao mundo, nem lhe destrói a honestidade, se ela fôr honesta por indole.

Não vejo que haja qualquer coisa de indecente ou atentatória dos bons costumes, em queimar um cigarro.

Dá até um encanto novo à mulher, e um "bout doré", fumado entre protestos de amor, é uma delícia que só não agrada aos Catões já muito entrados na idade.

Isto não quer dizer que a mulher se permita o gesto deselegante de fumadora de cachimbo, objecto que até usado por homens é desagradável e só devia entrar nas casernas.

E mulheres de cachimbo, devem ser raríssimas, a não ser lá pelos serões africanos.

E se há homens que têm o mau gôsto de gostar delas assim, que bom proveito lhes faça, mas eu não lhes gabo a proeza.

Como não aprovo os que acham detestável o cigarro, na bôca da sua amada.

Há exagêro que precisa corrigir-se, mas não cortêmos também o mal pela raiz.

Há males que fazem bem, apenas atenuados, e que matam, quando cortados cerce.

De mais estão os homens habituados às insídias da galantaria feminina, e coitados dêles, se de repente a mulher cortasse as unhas á sua garridice.

O aguilhão do amor é o artifício. Mas não vale fazer sangue.

Nem tanto... nem tão pouco.

Mercedes Blasco.

HA nos pintores de cada país, quasi sempre, um merecimento, que os torna não só interessantes, como uns verdadeiros patriotas. A pintura é uma das Artes, que perdura através dos séculos, quando ela é perfeita e duma arte pura. Nós paramos comovidos deante dum quadro do século XII, quando esse quadro é dum grande artista, e, a sua visão diferente, das coisas, é-nos ainda mais interessante e faz-nos vêr através das expressões e das figuras o que era a psicologia duma época. Quem tem percorrido museus, quem tem visto os quadros de todos os artistas célebres, pode, observando-os com interesse, nas suas pinceladas, na maneira de pintar, nos rostos das figuras ou nas paisagens, descortinar o que pensavam e o que sentiam os artistas, que representaram e representam sempre, a "élite, da sociedade. Da ingenuidade dos primitivos ao orgulho dos artistas da Renascença há um abismo, que marca bem o sentir das épocas através da alma dos artistas; da "élite, dessa época.

Mas entre os pintores há os paisagistas e são esses os verdadeiros patriotas, aquêles que pintam as paisagens que vêem, mas em quem nós sentimos a ternura, com que o fizeram, quando pintam as paisagens da sua pátria, as da sua provincia, onde nasceram onde brincaram ou mesmo aquelas a que algum sentimento os liga. Entre nós temos mestres da paisagem, que sabem dar o tom vivo e álaçre do nosso país, artistas grandes e que souberam e sabem sentir como: Silva Porto, Carlos Reis, Malhoa, Falcão Trigoso e tantos outros. Nas suas paisagens nós sentimos viver o nosso país, do Minho ao Algarve. Nós vemos a casinha, que nos encantou à beira dum caminho, a serra agreste e bela que admirámos, as ridentes amendoeiras floridas, do suave inverno algarvio. Em França, de Poussin até hoje sucedem-se os paisagistas, que com amor fixaram as belezas da sua pátria. A Italia tem os seus grandes artistas, e Veneza a cidade misteriosa da lagôa, encontrou em Canaletto e em Guardi os seus eternos fixadores de belesa.

Mas os ingleses nada têm a invejar aos paisagistas dos outros países porque têm Turner o grande reprodutor do encanto da paisagem inglesa. William Turner soube dar como nenhum outro artista, tóda a maravilhosa fluidex dessa paisagem que tanta vez as brumas envolvem num veu de gaze, como que a velar a sua radiosa belesa. A paisagem inglesa é grandiosa e é suave tem uma doçura a que o grande artista soube dar todo o relevo. Na Tate Gallery, que possui uma maravilhosa colecção dos quadros do grande artista, tive pela primeira vez, a revelação do seu grande valor. Mas foi na National Gallery, deante do quadro "Morning in a bay", que eu compreendi bem a imensa paixão do artista pela sua pátria. Esse castelo à beira-mar que o nevoeiro envolve nos seus farrapos e que forte e sólido domina, sobre as rochas, o mar e o nevoeiro é a imagem da própria Ingla-

VIDA FEMININA

ginação humana tem limites, e, depois de ter esgotado a sua fantasia, no desejo de tornar sempre a mulher diferente, os costureiros e tódos os desenhadores de modas, voltam a inspirar-se nas modas de há séculos e ressuscitam um pequeno detalhe da «toilette» das nossas longiquas antepassadas, que faz reviver a moda de então. Damos hoje uma interessante gravura em que isso se torna notadíssimo. Vemos uma senhora da época da rainha Isabel de Inglaterra, debruçada dum jancla e contemplando com admiração uma senhora de 1933, que vestindo uma criação de Liberty, parece ter saído dum quadro da época. Na sua decorativa «toilette». A gola em pé, as mangas rodadas e apanhadas em franzidos e ajustado à cintura, mostrando uma nesga do vestido que está por baixo.

Tudo neste sumptuoso casaco em veludo vermelho, lembra a época da rainha Isabel e a elegante do século XX, não estaria deslocada com o seu rico casaco numa festa da então mais sumptuosa cõrte da Europa.

Norman Hartwell não foi tão longe buscar o modelo, para a sua última criação. Inspirou se na moda de 1883. Este modelo conduz-nos aos primeiros passos do «tournure». A gola em gravata, o vestido de seda castanha moldado ao corpo o largo cinto em setim ciré, alargando as ancas e terminando atrás num grande laço. A sua capinha no mesmo setim com a sua guarnição em pele, as luvas altas em setim ciré, fazem pensar à elegante de 1833 suspensa na sua jancla que voltámos à época

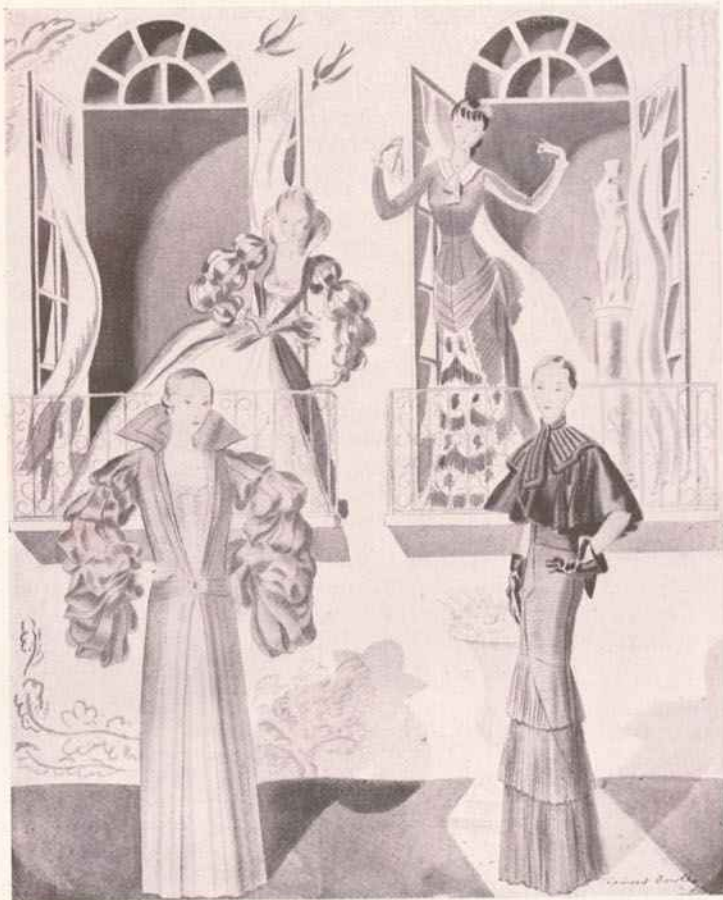
da sua elegância e não que está vendo um dos últimos modelos de 1933.

A moda

ESTAMOS em pleno outono e bem próximo já do inverno. Os vestidos já são em pesados tecidos, os chapéus em veludo, e no próprio calçado vemos já a modificação.

Num dos nossos modelos têm as nossas leitoras um lindo modelo de inverno, que é acompanhado pelos diversos acessórios de «toilette» que tornarão este ano, uma mulher verdadeiramente elegante. O vestido é crêpe franzido, de lã, Enid. Mangas modernísimas dão a nota a esse vestido. A «écharpe» é em «peau d'ange» branco. O tricórnio em feltro verde é guarnecido com cabecinhas de pássaro. Ao lado temos acessórios que ficam bem com esta «toilette» de tarde, ou qualquer outra no mesmo género. As luvas em «peau de suède» são dum corte simples mas magistral. A carteira num tecido de veludo imita o cordeiro da Pérsia e é guarnecida com um fecho, de joalheria cujo principal motivo é o «jãde». Um chapéu modelo de Mallory mostranos a fantasia da moda este ano, a guarnição de penas frizadas, nos chapéus de feltro. Este tem também a guarnecê-lo um véu flutuante. Como sapatos temos um modelo em pelica e «peau de suède» dispostos em desenhos asimétricos.

A «écharpe» em duas peles é o «sine qua non»



terra, e, a forma como o artista sobre as pinceladas fortes que, fizeram o castelo, soube envolvê-lo na doçura da gaze, que o nevoeiro forma, dá-nos bem a sensação da ternura, que a sua alma sentia, e a sua mão tão bem sabia exprimir, pela sua pátria, pela belesa do seu país, que ele pintava com o mesmo fervor com que outros artistas pintaram a mulher amada. Turner é um grande artista os seus quadros são lindos, mas o que fundamentalmente, nêles impressiona é a paixão pelo seu país, é o desejo que nêles sentimos, que todos admirem o que há de belo na sua paisagem, e, de quadro para quadro, na ridente paisagem da primavera, nas embrumadas manhãs de outono, nas tempestades do inverno através de tudo, a ancia de com a sua arte fazer viver aos olhos de todos a belesa, o encanto particular, a sedução do seu país.

E é isto que faz viver os artistas é a paixão da Arte e a paixão da vida. Fazer da sua Arte um pedestal para uma ideia. E Turner conseguiu-o.

Maria de Eça.

A moda em diferentes épocas

NADA há mais interessante para quem se interessa pela evolução das coisas, do que observar as voltas que a moda dá para tornar mundiais vestidos, que há séculos o foram. A ima-



da «toilette» de tarde. Martas admiravelmente confeccionadas, fornham esta «neck-piece», que se pode usar de várias formas. A carteira em antilope preto, tem um lindo fecho em metal niquelado. Os sapatos representam a última fantasia da moda «peau de suède» e lagarto, com um pequeno laço ao lado. Como «toilette» de inverno nada mais «chic» do que este modelo de Patou, que tem novidade no chapéu, na linha da cinta e nas mangas. O vestido com um cinto muito original é em seda verde guarnecido com uns toques de ouro. O casaco é em veludo de lã da mesma cor. O chapéu carregado para as sobranceiras, é do lindo «flamond» verde amendoa. Para a noite têm as nossas leitoras uma linda e muito simples «toilette» em organdi de seda branca. Leve e gracioso é um vestido encantador.

Nunca como agora a mulher teve tanto por onde escolher na moda. Há para todas as estaturas e todos os gostos. Só não usa o que lhe convém ao seu físico, quem não tiver gosto para escolher.

A «Périchole»

ESTA figura, que interessou Merimée, Meilhac, e Halévy, homens de teatro, existiu efetivamente. Eles viram o efeito que podiam tirar daquela figura de mulher, célebre nos fastuosos do teatro espanhol e fizeram o primeiro a protagonista dum dramasito, e os outros duma opereta que foi representada com sucesso em 1868 nas «Variétés». «La Périchole», viveu na segunda metade do século XVII no Perú. O seu verdadeiro nome era Michaela Villegas. A paixão do teatro tomou-a ainda na infância, mas só aos vinte anos teve ocasião de a manifestar.

Primeiro teve grande sucesso como bailarina, sobre a sua beleza havia várias opiniões. Michaela era pequena e gorducha. A sua carnção dum moreno que tirava para o negro. Tinha os olhos maliciosos, o nariz arrebicado e um sinal de beleza ao canto dos lábios que fazia parecer os dentes mais brancos. Michaela Villegas não

se contentou com ser sómente uma brilhante bailarina, que encantava os espectadores. Aprendeu a declamar, conquistando o público, também como actriz. No departamento de Lima, reinava um vice-rei, chamado D. Manoel Yunced Michaela feriu-o com o seu encanto. O seu primeiro acto de governo foi impôr á artista que se apresentasse no seu palácio, mas Michaela não era daquelas praças fortes que capitulam ao primeiro cerco. Ela repeliu agressivamente as galanterias do vice-rei. Ele irritado lançou-lhe com desprezo o epíteto de «Perra Chola» que quer dizer «cadelas indígenas». No dia seguinte toda a cidade de Lima deu a Michaela a alcunha de «Perra Chola» que na cena se mudou em Périchole. Parece que os dois se reconciliaram porque o vice-rei deu-lhe um palácio na cidade e uma vila nos arredores, que mais tarde ela ofereceu a uma congregação religiosa, para poder obter a remissão dos seus pecados.

Por causa da leviandade da artista o idílio com o vice-rei foi de pouca duração e elle continuou a insulta-la com o nome de «Perra Chola». Foi esta original figura de mulher, que foi resuscitada para a cena por Merimée

na peça «O carro do Santo Sacramento» e por Meilhac e Halévy, na antiga mas sempre graciosa opereta «La Périchole».

Higiene e beleza

HÁ muitas senhoras, que se queixam de ver a beleza da sua fina cutis, ameaçada pelo acné, esse terrível mal, que arruína a pele. A primeira coisa a fazer é ter uma dieta especial. Não comer mariscos nem peixes reimosos, não abusar da carne, nem de gorduras, féculas ou alimentos irritantes, alcool ou café. De manhã em jejum tomar uma colherinha de café com uma mistura em partes iguais de mel e enxofre. É ótimo para as doenças de pele. Como remédio exterior são muito boas as loções de alcool. Para as peles delicadas nada melhor do que a seguinte receita: Borato de soda, 5 grammas; Glicerina, 50 grammas; Alcool, 50 grammas; Água de rosas, 50 grammas. Deve evitar-se o uso de crèmes perfumados ou de ingredientes gordurosos. Em vez de pó de arroz vulgar, usar o seguinte pó, que nesses casos costuma dar os melhores resultados. Oxido de zinco, 20 grammas; Talco, 20 grammas; Pó de arroz, 2 grammas; Extrato de violetas, 2 grammas. Quem tiver a propensão para essa doença deve também ter muito cuidado em não expôr a cara ao sol, que ás vezes é irritante. Não tratando a tempo, pode ter graves conseqüência para a beleza.

Os ruídos

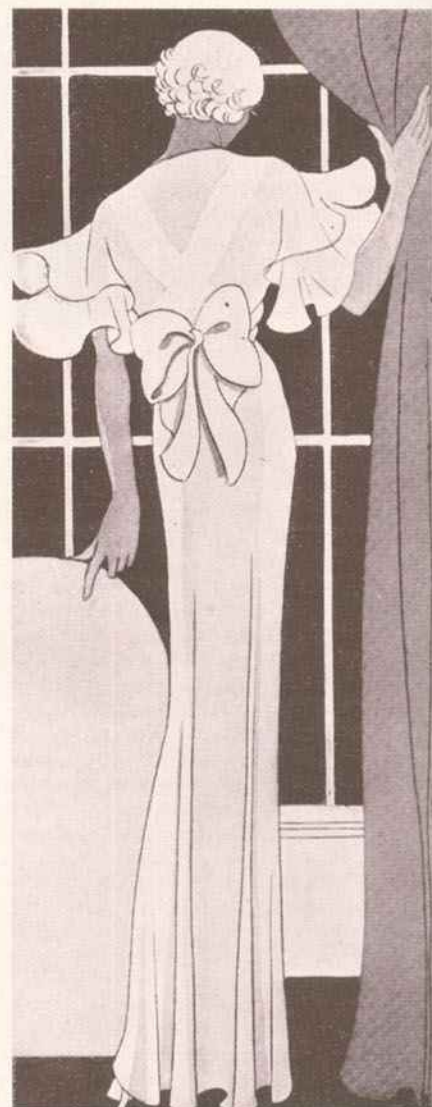
UMA séria luta está travada contra os barulhos. Vai-se organisando em todos os países civilizados. A cidade ideal — escreve o «Matin» — deve ser como no romance «Belzebú» silenciosa e tranqüila. O barulho é o inimigo dos homens como as moscas, mosquitos e micróbios intoxicadores. Ataca os nervos, cansa e roi o equilibrio mental «Silêncio! Silêncio», dizem os que velam um doente. Dantes na provincia diante das casas dos doentes, deitava-se palha para diminuir o rumor dos carros. Há em Paris pessoas que habitam palácios, onde se canta e se toca piano ou violino e onde há altos-falantes. A casa vizinha

separada apenas por uma parede «goza» estes ruídos musicais. No verão é uma verdadeira sinfonia. Os inquilinos apresentaram protestos pedindo o silencio á noite. Desta maneira quem tem T. S. F. goza-a sem incomodar os outros. Estas reclamações fizeram surgir uma lei, que determina as horas do dia, como as únicas em que se pode fazer barulho.

O que diriam os parisienses se vissem em Lisboa sujeitos á mania de bailes, pianos e câis, em prédios de inquilinos, acanhados e em que tudo o que se diz se ouve? Provavelmente que não estavam em terras civilizadas.

Os ricos

O fisco americano diz a revista — *La Donna Italiana* — tornou publico a lista de cidadãos americanos, que nos Estados Unidos pagam impostos sensacionais, isto é, a lista dos milionários e super-milionários daquele país Alem-Mar. Desta lista resulta que 290 americanos em vez dos 239 do ano passado — possuem uma renda annual de 25 milhões de francos. Onze americanos pagaram o imposto, o ano passado, de mais de 125 milhões. As mulheres ocupam um lugar particular na lista, quatro delas têm de 75 a 100 milhões de renda. É claro que é em Nova York que a maior parte dos ricos está domiciliada — Nova York tem a honra de hospedar 126, enquanto a Pensilvania possui 44. Os dois mais ricos americanos são este ano como o passado,



os senhores Ford e Rockefeller. São êsses dois homens, os que pagam os maiores impostos de todo o mundo.

Bonitas e feias

UMA mulher nunca se acha feia, quando muito dizem os maliciosos, acha as outras feias. «Minerva» escreve o seguinte: «O proprietário duma fábrica de chapéus de senhora em Nova-York» fez a seguinte reflexão: coroar uma linda carinha com um bonito chapéu é fácil, mas tornar belo ou pelo menos tolerável um rosto feio, adaptando-lhe um belo chapéu, eis aqui o cumulo da arte. E anunciou nos jornais que daria um elegante chapéu e cem dólares à mulher mais feia, que prestasse a sua cabeça para ser manequim. Mas como nenhuma mulher se acha feia, ninguém apareceu ao concurso. Noutro concurso

que resolveu fazer, pedia uma mulher de bela presença para manequim de chapéus; precipitou-se na sua loja uma multidão de mulheres, algumas das quais, eram verdadeiros monstros. E assim conseguiu com a sua esperteza o feio manequim, de que necessitava, e, que por seu lado ficou convencida de que era uma linda mulher, vencedora dum concurso de mulheres bonitas. Herodotes descreveu um curioso meio escolhido pelos antigos Galdeanos para conseguir arranjar maridos às raparigas feias. Uma vez por ano as raparigas em idade de casar, eram reunidas na praça do mercado, divididas em dois grupos. As bonitas para um lado, para o outro as feias. O leiloeiro punha em praça, primeiro a mais formosa, cada homem fazia a sua oferta, e quem mais dinheiro dava, voltava para casa, com a bolsa vazia mas possuindo a desejada esposa. Assim uma depois das outras, as belas eram todas vendidas. O dinheiro desembolsado para a sua aquisição, colocava-se numa caixa destinado à compra de marido para as feias. Fazia-se um novo leilão ao contrário, começava-se pela mais feia e cada rapaz gritava o preço que pretendia para ficar compensado da calamidade de ter uma mulher feia. O que se contentava com menos, levava-a para casa, como legítima esposa. Desta maneira as feias eram casadas com o resultado da venda das bonitas e nenhuma ficava sem marido. Mas resta também a história que várias vezes houve quem ficasse com as feias sem nada receber.

Houve sempre gostos para tudo, e o que para uns é feio, para outros é bonito.

Receitas de cosinha

Pudim de rins: — Pôr em coroa, na tábua de amassar e 50 gramas de farinha tendo ao centro 125 gramas de gordura de rins de vaca picada. Salgar ligeiramente; misturar tudo, juntando pouco a pouco três colheres de água, deixar repousar a massa, durante um quarto de hora, depois estendê-la com um pau até lhe dar dois ou três milímetros de espessura. Com esta massa

recobrir o interior duma grande tijela, pôr em cima algumas fatias de presunto cru, cortar em fatias um rim de vitela passá-las num picado de salsa e «échalottes» com sal e pimenta, arrumar as fatias de rim na tijela, pondo entre elas pedacinhos de manteiga. Regar com um copo de vinho da Madeira. Tapar a tijela com uma tampa de massa, embrulhar num pano bem limpo e sólidamente atado, mergulhar o embrulho numa panela de água a ferver. Deixar cozer assim mais duma hora. Desatar o embrulho e pôr num prato, untar o tampo com gema de ovo e dourar com brazas sobre uma pá. É um prato delicioso.

De Mulher para Mulher

Carlota Maria: Hoje em dia a mulher pode trabalhar em qualquer serviço, do momento que seja compatível com a sua dignidade, sem que isso se torne reparado. São imensas as senhoras que trabalham. A dificuldade está em arranjar colocação.

Violeta: A modéstia fica sempre bem a uma menina mas não deve ser exagerada, porque então é um defeito, se tem assim tão linda voz e tão boa professora porque não ha de cantar em público. Isso é uma questão de nervos, que deve ter a vontade suficiente para vencer.

Maria Joana: Não gosto para chapéu de inverno do veludo branco. Tendo poucos, como me diz, deve preferir uma cor escura e que não dê muito nas vistas. Leia os livros de Alexandre Herculano. São no género que me diz a interessa e depois é absolutamente necessário que conheça os nossos grandes escritores. É extraordinário que haja uma tão grande quantidade de senhoras, que desconhece a nossa boa literatura e esteja tão ao par de Dekobra.

As pombas

TODAS as cidades querem agora rivalisar com Veneza e têm as suas pombinhas. Lisboa está cheia de pombas, que embelesam a cidade e sujam os monumentos. Mas as brancas e poéticas avesinhas que todos tanto apre-

ciam são muito incomodadas em Paris por causa da intensa iluminação dos monumentos. As pombas que fizeram o seu domicílio no Arco do Triunfo não podem dormir. A' hora em que dantes adormeciam socegradamente, são despertadas por uma luz violenta. Estão ali em fila nas cornijas tentando em vão adormecer, não vóam, arrastam-se para fora dos ninhos, voltando-se umas para as outras, como os inquilinos dum prédio, à porta de sua casa numa noite de incendio ou doutro drama. Não se renunciará a iluminar o Arco do Triunfo e as pombinhas, terão de trocar êsse Pombal glorioso por outro ninho mais modesto.

E na obscuridade que homens e animais encontram repouso e paz, que são coeficientes para o bem estar. Há lugares excêntricos em Paris onde a luz não penetra, mas as brancas peregrinas, talvez aí não encontrassem quem

lhes desse de comer. Entre a fome e a luz parece que elas ainda preferem a luz. O alimento é indispensável.

Surpresas da Guerra

HÁ um tempo a esta parte que nos jornais húngaros aparece muitas vezes a notícia de prisioneiros de guerra húngaros repatriados da Rússia depois de dezasseis anos de prisão. A êste propósito conta-se o seguinte caso: «Que Sreged, na vespera do Natal passado a vendedeira de fruta Helena Caszar teve a maior alegria que uma mãe pode desejar. Tornar a ver o filho que dezasseis anos tinha estado na Rússia e que ela considerava perdido. A mulher radiante de felicidade, fechou a loja, correu a casa, e preparou-se um quarto, e ceia ao filho estremecido, mas êste fisicamente arruinado pela prisão não tocou nos alimentos, meteu-se na cama para nunca mais se levantar.

Para nada serviu o amor da mãe, nem os cuidados que o rodeou. Não conseguiu habituar-se à vida de casa, não pronunciou nunca uma palavra, e silenciosamente exalou o último suspiro.» A liberdade matou-o.

Pensamentos

Ninguém está contente com o seu officio, todos acham que o alheio tem menos trabalho e é mais bem pago.

Não forcemos o nosso engenho porque nada pode sair de útil.

Nunca se deve dizer: Oíça uma coisa engraçada! Oíça uma maravilha! Há sempre desilusão.

O que não pode urdir uma língua traidora com a sua pernicioso perícia!

A bandeira faz a mercadoria.

Todo o lisongeador vive à custa de quem o escuta.

O homem tem medo muitas vezes de dia como a criança tem à noite.

Devemos ajudar-nos: é uma lei da natureza.

La Fontaine.



BRIDGE

Espadas — A. 8.
Copas — 9, 5, 2.
Ouros — —
Paus — 7, 6, 5, 4.

Espadas — R.
Copas — R. S, 7,
6, 4.
Ouros — 3.
Paus — 9, 2.

N **O** **E**

Espadas — 10.
Copas — V.
Ouros — R. V. S,
5, 4.
Paus — V. 8.

S

Espadas — —
Copas — A. D. 3.
Ouros — D. 10, 9, 7.
Paus — D. 10.

Trunfo é espadas. *N* joga e deve fazer 8 vasas sobre 9, seja qual for a defesa de *E* e *O*.

(Solução do número anterior)

S entra com o valete de paus e corta-o com o 9 de espadas de *N*; joga depois a dama de ouros que cobre com o az; volta a cortar o 10 de ouros com o valete de espadas de *N*. *N* joga o último trunfo e *E* vê-se obrigado a uma balda forçada. O resto é fácil.

CURIOSIDADES

Os elevadores americanos

A Associação Comercial de Nova York aprovou recentemente uma moção que recomenda a instalação de elevadores rápidos — 400 metros por minuto — que deverão ser previamente autorizados pela Municipalidade. Assim o regulamento que cuida da velocidade dos ascensores deverá ser modificado, para que se construam prédios cada vez mais altos, servidos por elevadores cada vez mais rápidos. E isso contribuirá para atenuar no país a falta de trabalho.

Foi em 1916 que se autorizou a velocidade de 235 metros por minuto para os elevadores. Os passageiros sentiram, por alguns dias, uma espécie de arrepião ou de vertigem... Em breve, porém, se acostumaram. Passaram a achar aquele andamento natural e depois moroso. E agora acham-no duma lentidão insuportável.

O jornal donde extraímos estas notas considera muito provável que os ascensores de 400 metros sejam muito em breve adoptados. Em seguida, construir-se-ão prédios duas vezes mais altos do que o Empire Building e então o elevador de 400 metros será substituído por outro mais rápido — e assim por diante.

XADREZ

(Solução)

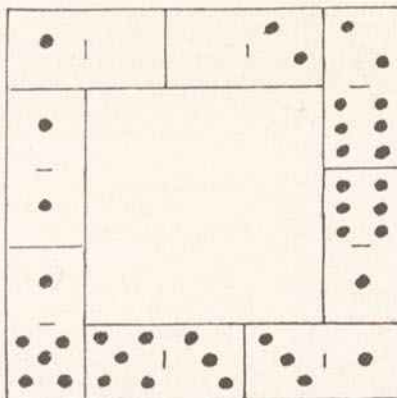
Branças	Pretas
1. B 5 B D	Se 1. R 4 D ou C 3 D
2. C 3 B D mate	Se 1. R 6 D ou B 4 D
2. D 1 C D mate	Se 1. B 6 T R
2. D x C mate	Se 1.

ONDE ESTÃO OS QUATRO "GROOMS"?



PROBLEMA DE DOMINÓ

Tomem um jogo vulgar de dominó, de vinte e oito pedras, deixando ficar na caixa o dobre 3, o dobre 4, o dobre 5 e o dobre 6. Com as restan-



tes pedras construam três quadrados, exactamente da forma dêste aqui apresentado, em que por todo êle, o seis fique junto ao seis, o cinco junto ao cinco, o dois ao dois e assim por diante.

PORQUE É DE MAU AGOIRO O ENTORNAR SAL?

A superstição relativa ao sal entornado veio até nós desde o tempo dos romanos. O sal está associado com o nome Salus, a deusa romana da



saúde, em honra de quem se consagravam uns poucos de dias de festivais todos os anos.

O sal tinha parte importante nas cerimónias e o facto de, descuidadamente, entornar alguma porção dêle, era considerado como um insulto à deusa, insulto êsse que teria resultados terríveis.

É de data mais recente a idéa de que se poderia evitar a desventura, atirando para traz, por sobre o ombro esquerdo, uma pitada de sal, e baseia-se na crença de que os espíritos maus se juntam sempre por detrás do nosso ombro esquerdo. O que não está bem aclarado, todavia, é se o sal é uma espécie de oferta para apaziguar êses espíritos máus, ou se lhes é atirado no intuito de lhes cair nos olhos e impedi-los de exercerem os seus malefícios!

ANEDOTAS

O Luízito esteve doente em casa. Quinze dias depois de adoecer, voltou para o colégio, e o professor disse-lhe:

— Agora, é preciso trabalhar para recuperar o tempo perdido.

Ao que o Luízito, logicamente, objectou:
— Mas o senhor não me tem já dito muitas vezes, que o tempo perdido não se recupera?

• • •

Disse, um dia, o grande Turenne a um dos seus oficiais, que era um inconvenientíssimo falador:

— Tenho um conselho a dêr-lhe: conserve-se calado, tôdas as vezes que se lembre de falar.

• • •

— Acho paradoxal a tua reflexão acerca da morte de teu tio!

— Não sei porquê!
— Disseste-me que êle tinha tido três médicos...

— Sim. E então?
— E, ao mesmo tempo, disseste-me não saberes o motivo por que morreu!

• • •

Gonzalo: — Disseram-me que casavas dentro de três dias...

Vasco: — Não, já não caso. Obtive um adiamento de dois meses.

• • •

A mulher: — Eu, o maior defeito que encontro na D. Adelaide, é o ser uma mulher de negócios.

O marido: — Sim? Não sabia! Mas, quais são os negócios de que se ocupa?

A mulher: — São os de tôda a gente.

• • •

O pai da noiva: — Tudo está perfeitamente; mas agora, vamos tratar do principal. Já sabe que dou á minha filha cem contos de dote; queira, por sua parte, informar-me daquilo com que o senhor conta...

O noivo: — Nada mais justo; e tanto que, precisamente, vim informar-me do que o senhor dava á sua filha, para saber com o que podia contar...

• • •

— O teu marido tem desigualdades de génio, ou é de temperamento igual?

— É de temperamento o mais igual possível. Tão exactamente irritável é nuns dias como noutros.

• • •

O professor tinha acabado de explicar o sentido da palavra *recuperar*.

— Diga-me, agora, o menino: Quando seu pai passa o dia inteiro a trabalhar, vem para casa cansado, não é assim?

— É, sim senhor.
— E quando chega a noite, e tem concluído todo o trabalho dêsse dia, o que faz êle depois?...
— Isso é o que minha mãe gostava de saber?

• • •

Patrão: — Então, quer que eu lhe adiante o salário de uma semana? Mas suponha que morre esta noite?...

Operário (orgulhosamente): — Senhor! Eu sou pobre mas honrado!...

• • •

Um avarento, que achava muito caro o preço que, pelo seu retrato a óleo, lhe pediam disse para o pintor:

— Que abatimento me faz o senhor, dando eu o óleo?...

A' VENDA A 3.^a EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«TOLEDO é um livro que se
lê de-pressa e se relê de-vagar.»

AUBREY BELL.

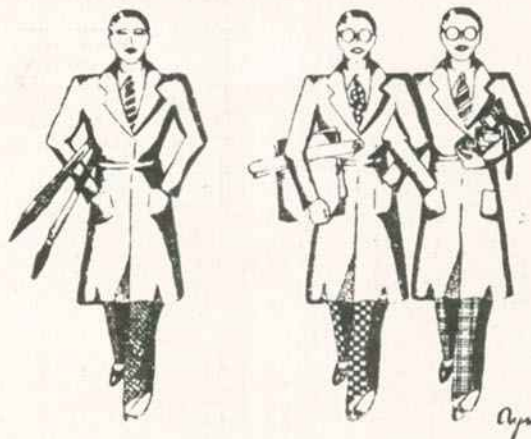
1 vol. de 262 pag., brochado 10\$00
encadernado 15\$00



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1308

BERTRAND
IRMÃOS, L.^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Grande sucesso

JULIO DANTAS

ALTA RODA

3.^a EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc. 15\$00
broch. 10\$00

Pedidos á
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.^a edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulhieres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

LIVROS

DA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PARA AS

ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar, 1 vol. enc.	13\$00
Aritmética Prática, 1 vol. enc.	13\$00
Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de Química, 1 vol. enc.	14\$00
Elementos de Mecânica, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de História de Arte, 1 vol. enc.	25\$00
Fisica Elementar, 1 vol. enc.	14\$00
Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc.	14\$00
O livro de Português, 1 vol. enc.	12\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 3.^a edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 308 págs., brochado 12\$00

Encadernado 17\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A' venda a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através dêste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher.»

— Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu extraordinário valor está fazendo grande sensação

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO *Dr. A. LORAND*

Médico em Carlsbad—Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilla

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslováquia, Espanha, Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Itália, Suécia, França

INDICE:

CAPITULO I—Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroidea, glandulas genitais.—II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso.—III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior.—IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

CAPITULO II—A velhice

I. Causas da velhice.—II. Generalidades sobre a maneira de afastar e de tratar a velhice.

CAPITULO III—Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas.—II. A actividade tiroidea sustentada por uma hygiene bem compreendida.—III. Hygiene do figado.—IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra-renais. Causas e tratamento de arterioesclorose.—V. Causas e tratamento da prisão de ventre chronica.—VI. Hygiene do intestino.—VII. Causas e profilaxia da apendicite.—VIII. Causas das doencas dos rins e maneira de evitá-las.—IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

CAPITULO IV—Hygiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a hygiene da pele.—II. Maneira racional de vestir.—III. Os banhos.—IV. Melos de provocar o suor.—V. Algumas considerações sobre os pés frios.

CAPITULO V—Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios fisicos.—II. Acção terapeutica da luz solar. III. A vida ao ar livre.—A ginastica respiratoria.—IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas.—V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

CAPITULO VI—Hygiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a hygiene alimentar.—II. Alimentação carnea. Suas vantagens e seus perigos.—III. Hidratos de carbono

e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas.—IV. O abuso da carne é prejudicial.—V. Vantagens duma alimentação lactea abundante.—VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo.—VII. Excitantes do apetite. Vantagens duma boa mastigação.—VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool.—IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a ele.

CAPITULO VII—O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas.—II. Hygiene do sono.—III. Tratamento racional da sonolencia e da insomia.

CAPITULO VIII—A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade.—II. Hygiene sexual. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa.—III. Vantagens do matrimonio.

CAPITULO IX—Hygiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma.—II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia.—III. Vantagens higienicas do espirito religioso.—IV. A doença não é mais de que a expressão das tentativas de cara da natureza.—V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intelectual intenso.

CAPITULO X—Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice.—II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia.—III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial.—IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

O MAIS COMPLETO EXITO — O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

1 volume de 244 páginas Esc. 10\$00
Pelo correio á cobrança Esc. 11\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLECCÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGÊNCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COURO E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOÇARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NODOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

À venda a 3.^a edição

PÁGINAS DE SANGUE

por SOUSA COSTA

Brandões, Marçais & C.^a

Com uma carta zincografada de JOÃO BRANDÃO

SUMARIO

O Terror Negro. — A Beira miguelista. — A queima da pólvora. — O Terror Vermelho. — Manuel Brandão-o-Velho. — Convénio de Gavinhos. — A Guerrilha dos «Garranos». — O «Boi de Coja». — Figos coroados. — As murças dos senhores cônegos. — O «Russo». — O forte de S. Paio. — Montaria aos «Garranos». — O cura de Fajão. — O abade de Guardão. — Na feira dos Carvalhais. — Os lobos no fojo. — O Espadagão. — Terror cabralista. — João Brandão. — O juiz de Midões. — Batalhão de S. João das Areias em Viseu. — A guerrilha dos Marçais. — Assalto à Pesqueira. — Tragedia ao sol do Senhor. — A sentença de Apocalipse. — O Ferreiro da Várzea. — Morra Spartaco. — Peregrinação a Viseu. — As feiras de Pinhel. — Odio velho. — As endoenças de Avô. — Padre Portugal. — A cabeça do Holofernes. — A Beira de hoje. — Carta de João Brandão. — Reprodução da carta anterior. — Nota final.

1 volume de 266 págs., brochado 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$50; brochado, 12\$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' venda em todas
as boas livrarias

A 7.^a EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

1 volume de 375 páginas } brochado 12\$00
encadernado. 17\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 73 — LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.^a parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.^a parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.^a parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.^a parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.^a parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÊGUAS SUBMARI-NAS:**
- 12—1.^a parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.^a parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.^a parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.^a parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.^a parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.^a parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.^a parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.^a parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.^a parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.^a parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.^a parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.^a parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.^a parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.^a parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.^a parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.^a parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.^a parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 1.^o vol.
- 36—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 2.^o vol.
- 37—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
- 38—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
- 39—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
- 40—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KÉRABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.^a parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.^a parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.^a parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.^a parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.^a parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.^a parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.^a parte—*Justica!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FERIAS:**
- 56—1.^a parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.^a parte—*A colônia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.^a parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.^a parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.^a parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.^a parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.^a parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.^a parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.^a parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.^a parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.^a parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.^a parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.^a parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.^a parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.^o vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.^o vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Um grande sucesso de livraria

O NOTÁVEL LIVRO
do major-aviador Von Helders
Oficial do exército alemão

A DESTRUÇÃO DE PARIS EM 1936

Versão de ALVARO DE ANDRADE e MANUEL LUIZ RODRIGUES

**Formidável trabalho de imaginação
prevendo uma futura guerra aérea**

Esta obra, verdadeiramente extraordinária, de empolgante deli-
neação e atraente leitura, já traduzida em vários países, pro-
vocou tanto na Alemanha, como na França e Itália a maior
sensação e os mais apaixonados comentários.

O público melhor poderá apreciar do seu valor e da sua oportu-
nidade, neste grave momento da política internacional, medi-
tando nas palavras que se seguem as quais, assinadas por uma
alta individualidade militar francesa nos dão o mais completo
significado político e militar do famoso livro:

A destruição de Paris em 1936

“Para melhor compreender a obra do major-aviador alemão Von Helders é necessário que o leitor faça determinadas transposições. É preciso corrigir – como na aviação – a bússola: em vez da agulha apontar a linha Norte-Leste, deve apontar a de Norte-Oeste; em vez da palavra INGLATERRA leia, em todo o texto, a palavra ALEMANHA”.

1 vol. broc., com uma artística capa a cores, **esc. 10\$00**

Pelo correio, à cobrança, **esc. 12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA